

**CENTRO DE EDUCAÇÃO SUPERIOR REINALDO RAMOS/CESREI
FACULDADE REINALDO RAMOS/FARR
CURSO DE BACHARELADO EM DIREITO**

MARIA DO CARMO ALVES DE LIMA

**FEMINISMO NEGRO: A LUTA DOS DIREITOS HUMANOS ANTE A
PREVALENCIA DA MISOGINIA E DO RACISMO NA SOCIEDADE MODERNA**

**CAMPINA GRANDE – PARAÍBA
2019**

MARIA DO CARMO ALVES DE LIMA

**FEMINISMO NEGRO: A LUTA DOS DIREITOS HUMANOS ANTE A
PREVALENCIA DA MISOGINIA E DO RACISMO NA SOCIEDADE MODERNA**

Trabalho de Monografia apresentado à
Coordenação do Curso de Direito da
Faculdade Reinaldo Ramos - FARR,
como requisito a obtenção do título de
Bacharel em Direito.

Orientador (a): CAMILO DE LÉLIS DINIZ
DE FARIAS.

**CAMPINA GRANDE – PARAÍBA
2019**

-
- L732f Lima, Maria do Carmo Alves de.
Feminismo negro: a luta dos direitos humanos ante a prevalência da
misoginia e do racismo na sociedade moderna / Maria do Carmo Alves de
Lima. – Campina Grande, 2019.
58 f.
- Monografia (Bacharelado em Direito) – Faculdade Reinaldo Ramos-
FAAR, Centro de Educação Superior Reinaldo Ramos-CESREI, 2019.
"Orientação: Prof. Me. Camilo de Lélis Diniz de Farias".
1. Direitos Humanos. 2. Feminismo Negro. 3. Racismo. 4. Misoginia. I.
Farias, Camilo de Lélis Diniz de. II. Título.

CDU 342.726(043)

MARIA DO CARMO ALVES DE LIMA

FEMINISMO NEGRO: A LUTA DOS DIREITOS HUMANOS ANTE A
PREVALÊNCIA DA MISOGINIA E DO RACISMO NA SOCIEDADE
MODERNA

Aprovada em: 09 de Dezembro de 2019

BANCA EXAMINADORA



Prof. Ms. Camilo de Lélis Diniz de Farias

Faculdade Reinaldo Ramos FARR/ CESREI

(Orientador)



Prof. Esp. Bruno Cezar Cadé

Faculdade Reinaldo Ramos FARR/ CESREI

(1º Examinador)



Profa. Dra. Cleoneide Moura Nascimento

Faculdade Reinaldo Ramos FARR/ CESREI

(2º Examinador)

Dedico este trabalho a mim mesma. Eu mereço.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus, pois sem ele não estaria hoje vivenciando esse momento único em minha vida. Agradeço também por ele nunca ter permitido, que nos momentos de angústia e fraqueza desviasse do meu caminho. Que mesmo tendo inúmeros impedimentos fui forte o bastante para chegar onde estou. E que apesar de todas as dificuldades, que eu minha família passamos, enfrentamos todas, e juntos superamos. Sempre no caminho certo e unidos quanto família.

Agradeço aos ensinamentos dos meus pais, pois mesmo diante de todas as adversidades eles sempre deixaram muito claro que: de onde viemos só teríamos um único caminho a seguir: o caminho da educação. Este mim levaria a lugares antes nunca imaginados por eles, e aqui estou. A primeira mulher negra da família a fazer uma Faculdade e a concluí-la.

Mãe! Muito obrigada por ter permitido meu nascimento, não sei como foi que a senhora agiu quando descobriu que eu estava a caminho. Te amarei enquanto vida tiver. Obrigada também pelos irmãos que mim deste.

Agradeço ao meu amado por estar sempre comigo nessa caminhada longa e cheia de desafios. Obrigada meu amor por tudo, obrigada por você está sempre comigo e que mesmo cansado sempre esteve ali, mim ajudando, indo levar e buscar. Te amo. In memoriam, aos meus avôs, Sebastião e Pedro e minhas avós, Martinha e Amália. Meu vô Sebastião que partiu quando eu ainda era, minhas lembranças é que eras louco por mim vô. Saudades meu branco de olhos azuis e meu vô Pedro, este não conheci. Minha Marta querida como queria que estivesse aqui. Cheguei onde nós nunca imaginamos. Conquistei minha casa, o que sempre cogitamos juntas. Te amo. Nunca te esquecerei, sabes disso. Te amo minha gata índia-negra de cabelos lisos e cacheados, de uma pele negra deslumbrante e de olhos cor de mel. E minha irmã que partiu ainda quando era um anjo, te amo nega. Nos proteja sempre como o anjo que és aí nas alturas.

Agradecer ao orientador, que se dispôs a enfrentar esse desafio comigo, muito obrigado professor por tudo.

RESUMO

A despeito de diversos avanços e a conquista de diversos direitos, as mulheres ainda encontram-se em situação de vulnerabilidade social, em especial quando a condição de gênero encontra-se articulada a outros marcadores sociais de diferença, notadamente classe e raça, de modo que a luta feminina ainda é necessária para a superação destas disjunções da modernidade. Este trabalho tem como objetivo analisar o percurso histórico do feminismo, em especial do feminismo negro, como ferramentas de luta por direitos por parte das mulheres negras em todo mundo, especialmente na América Latina, constituindo-se, assim, como um dos construtores do direito, superando-se as visões monistas e estatistas consagradas pelo positivismo jurídico. Metodologicamente, o trabalho foi baseado em pesquisa bibliográfica e documental, chegando-se à conclusão de que os movimentos feministas estiveram na base das conquistas das mulheres ao longo do tempo, mantendo sua importância até os dias atuais, ante a questionável efetividade de alguns destes direitos e a necessidade de reconhecimento de outras reivindicações, ante a prevalência da misoginia e do racismo como traços estruturais da sociedade moderna.

Palavras-Chave: Feminismo Negro; Racismo; Misoginia; Colonialidade; Direitos Humanos.

ABSTRACT

Despite several advances and the achievement of different rights, women are still in a situation of social vulnerability, especially when the gender condition is linked to other social markers of difference, notably class and race, so that Feminine struggle is still necessary for overcoming these disjunctions of modernity. This paper aims to analyze the historical course of feminism, especially black feminism, as tools for the struggle of rights by black women around the world, especially in Latin America, thus constituting one of the constructors of law surpassing the monist and statist views enshrined in legal positivism. Methodologically, the work was based on bibliographic and documentary research, reaching the conclusion that feminist movements were the basis of women's achievements over time, maintaining their importance to the present day, given the questionable effectiveness of some of these rights. and the need to recognize other claims, given the prevalence of misogyny and racism as structural features of modern society.

Keywords: Black Feminism; Racism; Misogyny; Coloniality; Human rights.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

MNU – Movimento Negro Unificado

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO I	17
1. FEMINISMO E SUAS RAÍZES.....	17
1.1 GÊNERO.....	17
1.2 RAÇA.....	19
1.3 INTERSECCIONALIDADE	23
CAPITULO II	25
2. O FEMINISMO E SUAS ORIGENS.....	25
2. 1 BREVE HISTÓRICO	25
2.2 SURGIMENTO DO FEMINISMO NO MUNDO	27
2.3 PROCESSO HISTÓRICO DO FEMINISMO NEGRO NO BRASIL.....	33
2.4 A HISTÓRIA DE SARAH BAARTMAN – A VÊNUS NEGRA.....	35
2.5 PRINCIPAIS VERTENTES DO FEMINISMO	39
CAPITULO III	43
3. CONTRIBUIÇÃO DO FEMINISMO NEGRO NA AMÉRICA LATINA	43
3.1 RESISTÊNCIA E PRESERVAÇÃO DO POVO QUILOMBOLA.....	44
3.2 RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA E O FEMINISMO NEGRO	47
3.3 MULHERES NEGRAS NO TERREIRO COMO RESILIÊNCIA DA FIGURA FEMININA NEGRA	48
3.3.1 MÃE BEATA	50
3.3.2 MÃE STELLA DE OXÓSSI.....	51
CONCLUSÕES.....	53
REFERÊNCIAS	55

INTRODUÇÃO

Ao longo da história a figura feminina passou por diversas privações, destas a mais corriqueira era quando a figura masculina se apossava da fala da mulher interrompendo-a sem que a deixasse concluir sua fala. Outra privação além da interrupção, era o homem se apropriar de argumentos da mulher sem dar-lhe o devido crédito, não deixando que ela viesse a concluir. Uma prática comum masculinizada era a postura adotada pelo patriarcado quando ia explicar algo a figura feminina, pois se revestiam em um tom didático para explicar algo a mulher, como se ela não fosse capaz de entender o que ele estivesse falando. Tais posturas eram evidentes na época da escravidão, o que para a época vivida era “normal”, mas que com o passar dos séculos e mesmo diante de todas as mudanças, tal postura ainda permeia o ambiente feminino. Essa postura masculina, na atualidade recebe os nomes de **“bropropriatng”**, **“manterrupting”** e **“mansplaining”**, tais termos da modernidade, inclusive este último é capa de um livro, que teve autora uma mulher. Mulher esta, que passou uma festa inteira tentando explicar a um homem “intelecto” que aquele livro era seu, mas que toda vez que ela adentrava no assunto, ele à interrompia. Como já dito, estes mecanismos fizeram parte diretamente da vida das mulheres nos séculos passados e que infelizmente ainda estão presentes nos dias atuais. Por muitos anos a mulher viveu dessa maneira, mulheres essas que não tinham o direito nem de sair à porta de suas casas, vez que de acordos com relatos da época elas só podiam sair apenas 03(três) vezes: uma para se batizar; outra para casar e a terceira e última era para ir ao próprio enterro.

Logo depois, vozes foram surgindo e pouco a pouco a figura feminina foi renascendo e reaprendendo à andar. Figuras como Simone Lucie-Ernestine-Marie Bertrand de Beauvoir, mais conhecida como Simone de Beauvoir, escritora francesa que viveu no século XX, uma figura feminista que mesmo não se considerando uma filósofa teve influência significativa tanto no existencialismo quanto na teoria feminista.

No Nordeste, Rio Grande do Norte, destaca-se Dionísia Gonçalves Pinto, que ficou conhecida por seu pseudônimo de Nísia Floresta Brasileira

Augusta isso em meados de 1810. Nísia foi a primeira mulher do país a publicar textos em jornais em uma época em que a imprensa nacional ainda engatinhava. Também foi responsável por dirigir um colégio só para moças no Rio de Janeiro e escreveu livros em defesa dos direitos não apenas só das mulheres, mas também dos índios e escravos. Logo depois em 12 de outubro de 1810 a educadora, escritora e poetisa brasileira veio a tornar-se uma das pioneiras do feminismo no Brasil. Ainda no século XIX, destacou-se Bertha Lutz que teve participação direta pela articulação política que nas leis que deram voto às mulheres e igualdade de direitos políticos nos anos 20 e 30. Bertha representou o Brasil na assinatura da Carta da ONU em 1945. Nascida em São Paulo, Lutz foi enviada a conferência pelo então Presidente Getúlio Vargas para defender o direito das mulheres na Carta, além disso a incorporação da igualdade de gênero na referida Carta, foi fruto de muita insistência da cientista brasileira e que graças a sua participação que a causa feminina começou a ganhar outros patamares.

Merece destaque também Maria Ernestina Carneiro Santiago Manso Pereira que ficou conhecida por Mietta Santiago, foi a primeira mulher no país a exercer, plenamente, os seus direitos políticos: o de votar e o de ser votada. Logo em seguida foi a vez de Celina Guimarães Viana, que em 1927, na cidade de Mossoró, Rio Grande do Norte, vêm de forma direta contribuir com mais uma voz feminina dentro do movimento. Celina foi a primeira mulher do país a exercer o direito de voto entrando desta forma para a história como sendo a primeira mulher a votar no Brasil.

Em 1930 foi a vez de Pagu, seu nome de batismo era Patrícia Rehder Galvão e em 1934 foi a vez de Carlota Pereira de Queirós. Pagu destacou-se por ser a primeira mulher brasileira a ser eleita a deputada federal e com um discurso belo em sua posse disse: (...) “o lugar que ocupo nesse momento nada significa, portanto, do que o fruto dessa evolução”. A defesa da mulher pobre e a crítica ao papel conservador feminino na sociedade permearam não apenas a vida de Pagu, mas também suas obras idealistas.

Anos mais tarde, surgem nomes como Laudelina de Campos Melo, mulher negra que em 1904 cria o primeiro sindicato de trabalhadoras domésticas do Brasil, o que nos 70 teve uma atuação fundamental para que se

reconhecesse os direitos da categoria e que seguida após anos de luta a categoria conquista o direito a Carteira de Trabalho e Previdência Social. Por fim vozes como a de Rose Marie Muraro, autora de livros que tratavam de forma contundente sobre a condição da mulher na sociedade da época nos presenteou com sua obra – a Sexualidade da Mulher Brasileira. No ano de 1928 nasce Maya Angelou, poeta, escritora e ativista dos direitos civis, Maya também se destacou por ter sido uma historiadora norte americana e que mesmo tendo passado por um grande trauma durante sua infância quando foi estuprada aos 08 anos de idade, Maya não permitiu que isso a fizesse tomar caminhos diferentes daqueles que ela acreditava ser o certo. Aos 15 anos de idade tornou-se a primeira motorista negra de ônibus em São Francisco, mais tarde tornou-se autora e enfrentou todas as formas de racismo.

Mas adiante outra voz levanta-se, desta vez era Lori Lightfoot, também mulher negra e homossexual foi eleita para Prefeita de Chicago nos Estados Unidos no ano de 2019. No cenário brasileiro, do século XXI, pode-se falar em vozes como a de Djamila Ribeiro, brasileira e atuante na luta por igualdade da classe negra, coordenadora da coletânea Feminismos Plurais e autora de obras como “Quem tem Medo do Feminismo Negro”, onde recupera memórias de sua infância e adolescência ao discutir sobre silenciamento que sempre sofreu e Lugar de Fala, onde destaca a necessidade da comunidade negra ter um Lugar de Fala e o quanto este é escarço quando se analisa a figura feminina atuando em instituições, por exemplo.

Ainda dentro do cenário brasileiro destaca-se a cantora Elza Soares, mulher forte que enfrentou a fome e o preconceito dos anos 70, que aos 11 anos de idade foi obrigada pelo pai a deixar de estudar para casar-se com Lourdes Antônio Soares, amigo de seu pai que havia se interessado por ela. Outra representante da luta feminina no Brasil é Aparecida Suely Carneiro, filósofa, escritora e ativista antirracista, fundou no ano de 1988 o Instituto Geledés – Instituto da Mulher Negra, primeira organização negra e feminista independente de São Paulo, Suely é considerada uma das principais autoras do feminismo negro no Brasil.

As mulheres acima citadas, lutaram para mudar a realidade da figura feminina brasileira, uma vez que estiveram a frente de seu tempo, enfrentando

todo e qualquer tipo preconceito e que muitas, por causa dessa luta, tiveram que pagar com suas próprias vidas, para nos proporcionar hoje a tão sonhada liberdade, mas vale ressaltar que a luta continua.

É importante pontuar que, embora movimentos pela afirmação dos direitos da mulher tenham ocorridos desde o século XVIII no Ocidente, como a tentativa de construção da Declaração Universal dos Direitos da Mulher e Cidadã, no âmbito da Revolução Francesa, apenas no século XX, o que de certa forma é fruto, também da evolução do Estado Democrático de Direito, que aconteceram os avanços mais significativos na inclusão da mulher na sociedade, como a conquista do direito ao voto, divórcio, a igualdade perante a lei e a criminalização da violência doméstica.

No entanto, ainda há diversas limitações à efetividade plena da cidadania feminina, como também pautas dos movimentos feministas que ainda não foram atendidas de modo suficiente pelo direito, em especial quando a condição feminina é atravessada por outros marcadores, notadamente de classe e raça. Ademais, mesmo os direitos legalmente previstos nem sempre são efetivados, de maneira que a luta das mulheres ainda é necessária nos dias atuais.

Para evitar que tropeços como esse volte a acontecer, é necessário que se comece uma construção sólida do que seria viver em sociedade de forma digna, apreendendo inclusive, que somos diferentes na cor, mas que somos igual em anatomia. Essa formação de base deve iniciar-se dentro da família e em seguida aprimorada no ambiente escolar, vez que a criança ainda está em processo de formação de seu caráter. Caso contrário, não haverá lei que acabe com essa violência racista e preconceituosa que assola a mulher desde o Brasil colônia.

De forma **geral**, é avaliar que houve avanços, mais que ainda há um longo caminho a ser percorrido, uma vez que as mulheres aqui citadas foram apenas o início do movimento e cabe a todos da sociedade dar continuidade a essa luta.

E como **objetivo principal** é mostrar as consequências dessa

desigualdade entre mulher branca e mulher negra perante uma sociedade racista e masculinizada bem como da “ineficácia” das políticas públicas direcionadas, principalmente para mulheres negras, uma vez que não contam com uma assistência adequada, e que por estarem mais vulneráveis a todas as formas de preconceitos ainda presenciam a misoginia em sua forma mais cruel, que é o ódio. Diante disso questiona-se: nesses dois últimos séculos a sociedade evoluiu ou retrocedeu? Uma das maiores conquistas femininas da mulher do século XXI é ser provedora do seu lar, isso é um grande avanço. Por outro lado, vem o retrocesso, essa mesma mulher provedora de seu lar ainda sofre com a mesma misógina do século XIX.

Além do mais, diante de todo o avanço da sociedade do século XXI, pode-se afirmar que houve **hipóteses positivas e negativas**. Como **positivas**, deve-se lembrar que caminhos foram abertos para a mulher negra, mas que ainda não foram o suficiente, pois ela ainda permanece as margens da sociedade. Espaços foram cedidos, oportunidade foram lhe dadas, mas que ainda não é o suficiente para dizermos que estamos a pé de igualdade com a mulher branca. Outro ponto a ser observado é que mesmo estando diante desses avanços, ainda não foram o bastante para que se possa dizer que estamos vivendo em pé de igualdade, pós escravidão.

Tivemos avanços significativos, isso é fato, mas ao mesmo tempo em que avançamos também retroagimos, talvez por que avançamos de forma errônea, pois percebe-se que com o fim da escravidão os negros foram soltos ao vento, ficando a mercê do tempo. Se tivéssemos tido uma construção de uma base sólida, talvez na atualidade não estivéssemos vivenciando tanta desigualdade.

Por outro lado, vêm as hipóteses **negativas**, nestas destacamos a figura da mulher negra como aquela que saiu da senzala e foi para a cozinha do século XXI como doméstica, que na maioria das vezes não possui seus direitos trabalhista postos na carteira de trabalho e previdência social (CTPS), pois em decorrência de manter-se mesmo após a escravidão, as margens da sociedade ela não vê outra alternativa a não ser se sujeitar à tais condições de trabalho, que para mim continua sendo escravo. **Uma outra hipótese negativa**, seria o caso das cotas raciais, vez que para alguns elas surgiram

com o objetivo de silenciar a população negra do país, por não sido amparados por parte do Estado pós abolição escravocrata. Outros já afirmam que as cotas vieram para corrigir essa injustiça por parte do Estado pós século XIX.

Particularmente presume-se que tais cotas foram e continuam sendo uma oportunidade que nos foi dada pelo Estado, para que pudéssemos cursar uma universidade nos mais variados cursos de igual para igual com o branco, onde a maioria dos brancos podem pagar uma escola particular o que não acontece com os negros, que estudam em escolas públicas e defasadas.

Assim, a despeito de todos os avanços ocorrido na promoção da cidadania das mulheres negras, ainda há um longo caminho a ser trilhado, ante a infeliz prevalência do racismo e da misoginia na atualidade.

Metodologia

O **método** utilizado neste trabalho será o **indutivo**, por que se partirá de uma análise mais complexa para a menos complexa. Segundo Odília Fachin o método indutivo é:

Um procedimento do raciocínio que, a partir de uma análise de dados particulares, encaminha-se para as noções gerais. Neste caso, apresenta-se como forma ordenada do raciocínio dos dados singulares para uma verdade geral. O raciocínio parte da enumeração completa do grupo de um gênero para o alcance do conhecimento geral desse grupo, ou seja, a análise racional ocorre com elementos gerais; assim, a marcha do conhecimento principia com os elementos singulares e vai caminhando para os elementos gerais. Por exemplo, partindo da observação empírica de que a prata é um minério condutor de eletricidade e que se inclui no grupo dos metais, conclui-se, portanto, que ela faz parte dos minérios. É por meio da indução que a ciência se arrisca e dá seus saltos (FACHIN,2005, p.32).

Segundo Eva Maria Lakatos, técnicas são: “conjunto de preceitos ou processos de que se serve uma ciência ou arte; é a habilidade para usar esses preceitos ou normas, a parte” (LAKATOS e MARCONI,2003, p. 174).

Quanto a **natureza técnica** abordada será à **aplicada**, porque ao longo do desenvolvimento novos conceitos irão surgir assim como novas proposições.

Esta **técnica** no entendimento de **Appolinário** é realizada com o objetivo de “resolver problemas ou necessidades imediatas” (APPOLINÁRIO,

2011 ,p. 146).

Quanto a **abordagem**, ela é **qualitativa**, porque através de dados pessoais irá se demonstrar o real motivo de todo esse levante assim como visando de forma clara que o feminismo negro no Brasil não é tão atual quanto parece, vez que desde o século XIX já se ouvia falar por Simone de Beauvoir, mas que de forma ainda meio obscura, por se tratar de uma mulher branca.

Para **Goldenberg**, uma **pesquisa qualitativa** é aquela que:

consistem em descrições detalhadas de situações com o objetivo de compreender os indivíduos em seus próprios termos. Estes dados não são padronizáveis como os quantitativos, obrigando o pesquisador a ter flexibilidade e criatividade no momento de coletá-los e analisá-los. Não existindo regras precisas e passos a serem seguidos, o bom resultado da pesquisa depende da sensibilidade, intuição e experiência do pesquisador, (GOLDENBERG, 2004, p. 54).

No que tange aos **objetivos**, este trabalho será o **descritivo**, porque irá descrever bem como analisar e interpretar fenômenos, desde o início do movimento até os dias atuais; e **explicativo** , porque ficará demonstrado ao longo do desenvolvimento do trabalho todos os fatores que determinaram o referido movimento.

Segundo Antônio Carlos Gil, toda **pesquisa explicativa**:

têm como propósito identificar fatores que determinam ou contribuem para a ocorrência de fenômenos. Essas pesquisas são as que mais aprofundam o conhecimento da realidade, pois têm como finalidade explicar a razão, o porquê das coisas. Por isso mesmo, constitui o tipo mais complexo e delicado de pesquisa, já que o risco de cometer erros eleva-se consideravelmente, (GIL,210, p.28).

Ainda seguindo as palavras do citado acima, “**as pesquisas descritivas** “têm como objetivo a descrição das características de determinada população, podendo ser também elaboradas com a finalidade de identificar possíveis variáveis” (GIL,2010, p.27).

Ademais, o presente trabalho terá como escopo um debate histórico de toda a trajetória da mulher negra brasileira assim como os caminhos

percorridos por ela até os dias atuais. Como era no passado e como estamos na atualidade vez que, segundo dados da história estamos mais civilizados, mas será que estamos? O que se fez da época colonial até os dias atuais para melhorar a situação do povo negro, em especial a figura da mulher negra, por ser o tema principal deste trabalho.

CAPÍTULO I

Neste capítulo será discutido os conceitos de gênero e raça bem como interseccionalidade, descrevendo a evolução dos dois primeiros termos e o surgimento do terceiro que dentro do século XXI, ambos são vistos de forma diferente, uma vez que com a evolução da humanidade surgem novos conceitos.

1. FEMINISMO E SUAS RAÍZES

1.1 GÊNERO

Diferente do termo raça, o gênero diz respeito no campo biológico ao sexo feminino ou masculino. Se o feto que estar na barriga de sua mãe tiver um pênis, esse será do sexo masculino. Se por outro lado tiver uma vagina, será do sexo feminino. Para a filósofa Judith Butler, em sua obra Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade, Judith descreve: “o gênero não deve ser meramente concebido com a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado” (2010, p. 25).

Falar em gênero é falar na própria história dos corpos, dos comportamentos da própria humanidade bem como os desejos e identidades que variam de sociedade a sociedade. E assim sendo, gênero foi o primeiro modo que deu significado as próprias relações de poder, como o que aconteceu com o povo negro no período da escravidão, onde o homem era visto como viril e a mulher uma mera reprodutora sendo posta aos mais perversos castigos dentre eles sofrer açoites nas mamas quando estas ficavam inchadas em decorrência do trabalho no campo não tendo como amamentarem seus filhos.

Em decorrência desse trabalho árduo a mulher negra não tinha como levar seu filho junto com ela para o campo, isso fazia com que suas mamas ficassem cheias demais e conseqüentemente viessem a doer, causando em seguida febre e mal-estar, desta maneira ela não conseguia manter seu ritmo de trabalho igual com os homens, vez que trabalhavam lado a lado sem medir

forças. Quando analisamos raça e gênero no campo da comunidade negra, estamos falando em desigualdade, uma vez que possuem uma ligação intrínseca quando se avalia a violência em seus altos níveis ao atingirem mulheres negras e pessoas pardas, o que foi sentido na própria pele, pela autora quando criança¹.

Ademais, a questão de gênero na atualidade é vista de forma clara quando se vê nos jornais, ou quando se senti na própria pele que as mulheres continuam ganhando menos que os homens mesmo estando de igual para igual, com mesma formação escolar, com mesmas experiências profissionais, e quando essa mulher é negra essa diferença é mais cruel.

Assim sendo, entende-se que tudo começa com uma base, mas que se essa não for construída da forma correta como deve ser, partindo do princípio primário observar-se-á sempre que: o Brasil saiu de um sistema escravocrata, esse que matou e separou muitas famílias, inclusive separando mães e filhos de forma desumana em todos os seus aspectos e que mesmo diante de toda essa maldade humana, o sistema com toda a sua crueldade ultrapassou barreiras inimagináveis trazendo consigo o desprezo pelo indivíduo em decorrência da cor de sua pele.

O que na atualidade, essa perversidade foi mascarada, uma vez que a mulher que não conseguiu adentrar nos espaços privilegiados da modernidade, como por exemplo o meio acadêmico ou até mesmo trabalhar no comércio, foi parar na cozinha do século XXI como doméstica. Dessa forma, há o que se falar em igualdade de gênero?

¹ Recordo-me quando criança, ao qual era absolutamente incapaz de entender, quando minha mãe, mulher negra, trabalhava de doméstica na casa de uma mulher negra ao qual existi uma porta que nos separava. Porta esta, que eu não poderia em hipótese alguma ultrapassa-la, é como se vivêssemos em um curral, onde se separam os bois bravos dos dóceis, caso contrário os bravos matariam os dóceis. Hoje compreendo plenamente aquele olhar de mãe, quando eu colocava a mão na maçaneta daquela porta. Era um olhar fuzilante, e ainda falava: a gente não pode estar no mesmo ambiente que eles; sentar onde eles estão sentados; comer com eles jamais.

1.2 RAÇA

Conforme a sociedade avança traz com ela novos conceitos. Ao homem que sempre foi taxado e à depender da classe social em que vivia, esse taxamento era cruel. Se vinha de uma família rica, era visto como importante ou até mesmo um “deus”, como por exemplo os senhores de engenho que dominava tudo e todos. Do latim *ratio* e traduzindo para o vernáculo, raça seria um subgrupo das espécies. Ao tempo em que a sociedade evoluiu novos conceitos foram surgindo e termos que antes eram normais aos olhos da sociedade foram sumindo.

No atual mundo em que a espécie humana encontra-se inserida alguns dos termos que diminuem o sujeito, quanto ser humano ainda persistem, mas que o Estado, com todos os seus defeitos vêm lutando para exterminá-los. Quando se discute o conceito de raça, essa se torna tarefa árdua, por envolver um altíssimo grau de complexidade. Para o sociólogo Aníbal Quijano em seu texto sobre a Colonialidade do poder, eurocentrismo e América, traz raça como uma categoria mental da modernidade e dizendo que:

a ideia de raça, em seu sentido moderno, não tem história conhecida antes da América. Talvez se tenha originado como referência às diferenças fenotípicas entre conquistadores e conquistados, mas o que importa é que desde muito cedo foi construída como referência a supostas estruturas biológicas diferenciais entre esses grupos (QUIJAL, 2005, p. 1^a).

O termo acima citado, foi uma construção científica-colonial, com raízes no processo de colonização da América, desenvolvida cientificamente no século XIX e que se perpetuou na modernidade de forma pejorativa o que se enquadra na teoria do francês Joseph Arthur de Gobineau conhecido como o “pai do racismo moderno”, por ser um defensor da superioridade da raça branca. Essa classificação seguiu a diante onde alguns autores chegaram a especificar até 20(vinte) tipos de raça, e que atualmente essa construção é refutada.

Assim como foi na escravidão, quando a mulher negra se esforçou para ser o sustentáculo econômico de sua família, no mundo contemporâneo, essa mulher continua lutando, mas que dessa vez ela têm uma luta maior. No século

XIX, ela lutava para sobreviver por que já sabia que por ter nascido com a pele negra, se enquadrava como ser inferior e que não era vista como ser humana detentora de direitos. Na atualidade sua luta é tão árdua quanto na escravidão, uma vez que não apenas luta por igualdade, mas também luta pela sobrevivência de seus filhos, pois mesmo diante de todos os direitos adquiridos, à essa mulher continua sendo privado o direito de viver de forma digna, tendo que lutar contra um sistema árduo onde o Estado mais uma vez falhou.

No mercado de trabalho, mesmo tendo um grau escolar superior, tentando desta forma uma colocação melhor, sempre esbarra no chamado preconceito racial não apenas por causa da cor de sua pele, mas também por causa de seus cabelos ondulados, cacheados ou crespos. Estes não se encaixam na chamada beleza plena da modernidade. Ter um lugar de Fala é primordial, para pôr o negro em locais que apenas “brancos” ocupam, como por exemplo a Política, os meios acadêmicos, etc.

Quando se analisa o conceito de interseccionalidade, este faz toda a sociedade refletir que as diversas formas de vulnerabilidades vividas por meninas, mulheres e jovens negras ainda persistem no século XXI, uma vez que ainda se observa a figura da submissão feminina dentro de um contexto que não deveria mais ser do patriarcado, mas liberdade dessa mulher. Liberdade que mesmo alcançando os mais altos níveis de escolaridade, a mulher ainda continua ganhando mesmo que o homem da modernidade. Que mesmo todos esse processo de submissão não permite que essa mulher alcance sua emancipação e desta forma é bastante difícil que sua identidade tenha uma evolução e saia de todo o processo de exclusão tanto no que se referir a gênero quanto a raça. Essa distinção de raça deixa marcas que nunca serão apagadas, principalmente quando as vítimas são crianças.

Para proteger essa comunidade negra, no ano de 1989, foi sancionada a lei nº 7.716 que em seu primeiro artigo diz que: serão punidos, na forma desta Lei, os crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional. E por que mesmo diante de uma Lei que diz ser crime discriminar alguém, ainda se escuta nos grandes jornais do país casos terríveis de racismo? O objetivo desta Lei, foi garantir a população negra

brasileira a efetivação no que diz respeito a igualdade de oportunidades bem como a defesa dos direitos étnicos individuais, coletivos e difuso somando-se ao combate à discriminação e às demais formas de intolerância étnica (parágrafo único).

Não há o que se falar em Políticas Públicas voltadas para a população negra brasileira se o Estado ao menos foi capaz de incluir esse negro nos espaços estratégicos em meio a sociedade, por exemplo o meio acadêmico. Falar em igualdade para a população negra sem ter antes feito uma análise do caminho percorrido por ela é está à deriva em uma geleira.

É fato que o Estado foi forçado a reconhecer e entender as diversas formas de luta do povo negro, mas esse reconhecimento em sua maioria se dá pelas aprovações de leis, de que Estado Democrático estão a falar, uma vez que só reconheceu e de forma forçada, o direito de um indivíduo através de uma norma cogente. O mais triste é saber que mesmo diante de tantas leis os direitos da população negra ainda não foram consolidada, desta forma não há o que se falar em Democracia.

O próprio Estatuto da Desigualdade Racial, instituído em 20 de julho de 2010, com o advento da Lei 12.888, em seu artigo 1º - visa garantir à população negra a efetivação da igualdade de oportunidades, a defesa dos direitos étnicos individuais, coletivos e difusos e o combate à discriminação e as demais formas de intolerância étnica. Este artigo é muito claro em sua redação, pois coíbe as práticas de discriminação racial e ao mesmo tempo estabelece políticas públicas que venham diminuir a desigualdade social no Brasil.

Se estivéssemos discutindo no campo da biologia e estivéssemos tratando de animais irracionais, essa classificação estava corretíssima, mas estamos falando de gente, seres humanos, seres estes que se diferenciam apenas nas características fenotípicas como por exemplo cor dos olhos, seus cabelos, bem como a cor da pele. Ou seja, falar em raça é falar em uma única – a humana, onde é composta por seres humanos que possuem diversas formas étnicas fazendo com que cada um seja diferente do outro, dentro de sua condição étnica. Assim sendo, durante a segunda guerra mundial, o conceito de raça foi amplamente discutido, uma vez que o Fuher começa a

nascer de forma sombria, chegando o seu apogeu em preconceito e ódio. Foram anos de pesquisas na biologia para se chegar a um consenso se o ser humano teria ou não uma raça, o que não conseguiram provar, pois além dos fenótipos as diferenças genéticas eram praticamente iguais. Portanto, em termos biológicos, não há “raças” que tenham contorno definido, o que existe entre os seres humano é um grande número de variações físicas. O que não pode ser confundido com etnia, vez que essa estar interligada diretamente com as características de como o homem vive a exemplo de sua religião, cultura ou língua, enquanto a raça é uma ideia errônea que possui ligação com traços definitivos do homem.

A escritora, psicóloga, teórica e artista interdisciplinar, Grada Kilomba em seu livro *A Máscara*, traz a seguinte frase que faz crítica diretamente sobre o racismo:

A máscara, portanto, suscita muitas questões: por que a boca do sujeito negro deve ser presa? Por que ela ou ele deve ser silenciado? O que poderia dizer o sujeito negro se sua boca não fosse selada? E o que o sujeito branco deveria ouvir? Há um medo apreensivo de que, se o sujeito colonial falar, o colonizador terá que escutar. Ele/ela, seria forçado a um confronto desconfortável com as verdades dos “Outros”. Verdades que foram negadas, reprimidas e mantidas em silêncio, como segredos. Eu gosto dessa frase “quieto na medida em que é forçado a”. Essa é uma expressão das pessoas da Diáspora africana que anuncia como alguém está prestes a revelar o que se supõe ser um segredo. Segredos como a escravidão. Segredos como o colonialismo. Segredos como o racismo (KILOMBA, 2010, p. 171-1780).

A fala de Kilomba² é muito clara ao afirmar que o racismo é uma prática do homem branco, vez que este sempre viu o homem negro como um animal incapaz de sentir dor e de amar.

² Escritora, psicóloga, teórica, e artista interdisciplinar portuguesa, Grada é reconhecida por seu trabalho que tem como principal foco, o exame da memória, trauma, gênero, racismo e pós-colonialismo.

1.3 INTERSECCIONALIDADE

Ao ouvirmos falar neste termo, devemos ter em mente, que ele é uma vertente do próprio feminismo, o qual traz recorte sobre gênero, raça, etnia de classe social, mas que também envolve orientação e identidade sexual. A partir desses gêneros presentes em diversos contextos sociais, é que se determinam quais tipos de opressão uma mulher sofre dentro da sociedade pela qual estar inserida. Tais termos não são formação exclusiva do Brasil, pois as pioneiras na luta do feminismo negro como por exemplo Hazel Carby, Bell Hooks, Patrícia Collins, Patrícia Williams e Kimberlé Crenshaw, todas estas bebiam da mesma fonte: romper todas as limitações existentes entre o branco que tinha como perspectiva clara e evidente da unicidade feminista, isso tudo no cenário anglo-saxão. Pois, enquanto a mulher branca era detentora de conhecimento que as colocavam frente à mulher negra, ao mesmo tempo negavam a importância de todas as raças.

No livro racismo e sexismo na cultura brasileira, a autora **Lelia Gonzalez** explana o modo como a mulher negra é tratada no país. E que o racismo e o sexismo estão interligados no desenvolvimento da violência sofrida por essa mulher mesmo sendo elas da classe média, isso não impede que sofram discriminação. O cenário dessa violência que a mulher sofre não pode ser avaliado apenas no campo do gênero ou da classe social, vez que a mulher negra é vítima de uma tríplice opressão: raça, gênero e classe social.

Desta forma, conclui-se que a união entre a mulher branca e negra onde ambas lutavam contra a opressão sexual do patriarcado eram meras aparições, por estarem em lugares sociais distintos vindo à causar grandes rachaduras assim como conflitos dentro do próprio movimento pelo fato da busca dentro do feminismo como um alívio quando se falava em sexismo. Tal alívio se dava por uma “suposta” fraternidade em busca de causa comum à todas as mulheres independentemente de sua cor.

Neste sentido, a interseccionalidade é além de uma anti-racista ele também é uma sobreposição de identidades sociais que estão interligados ao sistema de opressão, dominação e discriminação vivenciados pela mulher negra que não conseguiam encontrar um espaço para as discussões sobre o

debate feminista ou até mesmo anti-racista. É necessário que tal termo seja mais discutido dentro do cenário brasileiro, por ser um país marcado por profundas desigualdades, sejam elas de raça, gênero ou classe sociais. Além do mais, o termo em discussão nos serve como estimulante para que novos debates sejam feitos, isso não quer dizer que iremos abarcar todos no geral, mas que o início servirá apenas para descobrir a ponta do iceberg e quem sabe nas futuras gerações se descubra todo esse iceberg.

CAPITULO II

No presente capítulo apresentaremos um breve histórico abordando a violência sofrida pela mulher, adentrando no mundo grego, idade média e em seguida oriente médio. Após esta introdução, acerca do processo histórico do feminismo negro no mundo e no Brasil, focando principalmente a mulher negra, ficará demonstrado o que mudou anos após o levante do movimento na atualidade destacando também a história de Sarah Baartam, mulher negra “traficada” para um país estranho com a proposta de que seria uma grande atriz, tendo conhecido a maldade humana em sua forma mais perversa.

Em sua trágica história ficou evidente como foram e ainda são desprezadas a figura feminina, mais que tal desprezo chega ao seu apogeu quando se fala em mulher negra. Foram anos de lutas, estas que vêm desde o período colonial chegando no século XX, pós-proclamação da República de 1988, momento este em que começam a aparecer os levantes de forma mais sucinta e emergente, o que não ocorreu durante a ditadura e finalizando o capítulo será explanado as vertentes do feminino, uma vez que ainda existe uma grande confusão quanto suas origens.

2. O FEMINISMO E SUAS ORIGENS

2.1 BREVE HISTÓRICO

Durante o transcorrer da história do homem pela qual se têm notícia do início da violência contra a mulher é notável que elas têm passado por violações gravíssimas tanto em seus direitos elementares, como por exemplo direito à vida, à liberdade e a própria disposição de seu corpo em fazer com ele o que bem quiser e como bem entender. E que dentro desse cenário não se pode fazer alusão da violência contra a mulher com nenhum tipo de religião, mas há a necessidade de destaca-la, pois ela teve influência no século

passado dentro do seio familiar, ao impor regras que eram seguidas à risca, regras que acobertavam, inclusive a violência cometida pelo patriarcado as suas esposas e filhas. Assim sendo, do controle da igreja sobre as famílias surgiram vários vieses que se disseminaram, dentre eles a educação. Esta diferenciava-se quando se fala em meninos e meninas fazendo nascer desta maneira uma diferença grotesca e corriqueiramente impondo o machismo pela religiosidade.

É do conhecimento do homem moderno que, nas antigas sociedades a figura feminina teve pouca expressão sendo vista como um reflexo do homem, vez que o olhar desta era de que a mulher nada mais seria que um objeto a serviço de seu senhor e seu amo, bem como um animal. Também era vista como um simples instrumento de procriação, sendo desta maneira uma fêmea que na maioria das vezes não foi considerada como ser humano, mas um animal, e desta maneira construiu-se um alicerce da ideologia de superioridade da figura masculina em detrimento da mulher e por conseqüente sua subordinação.

Na Grécia, a figura feminina sempre foi vista como uma criatura sub-humana sendo menosprezada tanto moralmente quanto socialmente não possuindo direito algum. Em Alexandria, por exemplo, mas especifico no século I.d.C, o helinista filósofo Filón uniu a filosofia de Platão, que descrevia a mulher como uma alma não apenas inferior, mas também menos racional ao dogma teólogo hebraico que mostrava a figura feminina como algo insensato e considerada causadora de todo o mal, além de ter sido criado a partir do que foi considerado como o homem 1, por ser único e não haver superioridade acima dele.

Na idade média a mulher desempenhava tanto o papel de mãe como de esposa, tendo como função recíproca a de obedecer seu esposo e gerar filhos, mas que nada lhe era permitido. Em contrapartida, na idade moderna vimos não apenas a queima dos sutiãs em praça pública, simbolizando a tão sonhada liberdade feminina, mas também foi visto nas piras funerárias somando-se aos corpos de seus maridos falecido ou incentivadas, para salvarem sua honra familiar, a cometerem suicídio.

No ano de 2004, em Bagdá, foi promulgada a Constituição, que trouxe

em seu corpo a igualdade de direitos para homens e mulheres e que mesmo após quinze anos de sua promulgação, as mulheres ainda continuam sendo vítimas da violência, vez que os xiitas e sunitas continuam conservadores e acreditando que homens e mulheres devem ter educação separada. Diante de todas as atrocidades que estas mulheres sofrem ao longo de suas vidas, ao se arriscarem ir à escola e como se não bastasse todo cárcere vivido por elas ainda têm seus alojamentos invadidos por esses grupos extremistas.

É notável que existe uma luta contra essa violência vivida por todas as mulheres, seja ela negra, branca, adulta ou criança, mas que tal problema ainda está longe de ser erradicado, enquanto não houver de fato a igualdade não apenas proposta em lei, mas também a salarial independentemente de cor, raça ou etnia, continuaremos vivenciando tais atrocidades.

2.2 SURGIMENTO DO FEMINISMO NO MUNDO

Pesquisadores do tema relatam que foram encontrados na historiografia dos séculos 15 e 18 a criação que tinha relação à temas diligentes que denunciavam à condição de opressão das mulheres daquela época, tendo como fator principal a dominação imposta pelo homem bem como a superioridade que detinha sobre a figura feminina. Em contrapartida, não se pode rotular se de fato o movimento surgiu nesta época, e foi a partir desta possível dúvida que outros historiadores acreditam que o conceito de feminismo tenha surgido no contexto social e político da Revolução Francesa em 1789 e conseqüentemente surge o feminismo moderno dentro do chamado Iluminismo.

A revolucionária Olímpia de Gouges em 1791, defendeu que a mulher possuía direitos considerados naturais idênticos aos do homem, tendo desta forma o dever de participar de forma direta ou indireta da criação de leis ou reformulação bem como da política em geral. Esta célere declaração feita por Olímpia, foi rejeitada pela Convenção e desta maneira tornou-se o símbolo mais representativo do feminismo racionalista e democrático pelo qual reivindicava não apenas a igualdade política, mas também a igualdade entre os

gêneros.

No século 19 começou-se a falar no feminismo emancipacionista como um novo recomeço, mesmo vivendo em um contexto diferente que era a sociedade liberal no modelo europeu que estava emergindo-se. Nesta mesma seara, tinha-se a Inglaterra como irradiador do feminismo emancipacionista vez que a luta se centrava na obtenção de igualdade jurídica, ou seja, o direito ao voto, o direito de instrução, o direito de exercer uma profissão bem como o direito de trabalho. Diante de todas as contradições vividas à época do período liberal, onde por um lado tinham-se as leis em vigor da qual formalizavam juridicamente as diferenças entre os gêneros, do outro pouco a pouco começava a emergir o movimento feminista.

O inglês Stuart Mill em seus escritos começa a destacar-se por proporcionar o princípio geral dessa emancipação das mulheres a partir da abolição das desigualdades não apenas no núcleo familiar, mas também a admissão dessa mulher nos postos de trabalho bem como a oferta educacional como instrução que até então encontrava-se apenas ao alcance do homem.

No transcurso do século 19 para o 20, vários pensadores e intelectuais europeus retomaram os pressupostos de Stuart Mill e formularam teses mais consistentes sobre o feminismo. Na Itália, o debate travado entre os intelectuais de esquerda foi mais intenso e produziu maior número de obras sobre o tema (CANCIAN, 2001, p. 2).

Nos Estados Unidos na década de 1960, já na segunda metade, surge o feminismo contemporâneo e alastra-se para diversos países que eram considerados industrializados entre 1968 e 1977. O movimento do feminismo contemporâneo tinha como reivindicação central a luta pela chamada libertação da mulher, este deve ser interpretado como uma afirmação da diferença da figura feminina. Partindo-se dessa ideia, o movimento começa a buscar por novos valores que auxiliassem na promoção da transformação nas relações sociais da própria sociedade como um todo. Este movimento ao tempo em que foi considerado um divisor de águas foi também uma superação para as mulheres, vez que sua reivindicação central se baseava na luta pela igualdade jurídica, política e desta vez econômica. Por ser a opressão caracterizada como raízes profundas que atingem todas as mulheres das mais diversas

culturas, classes sociais, sistemas econômicos e políticos, a emancipação feminina que vêm à pugar por essa peleja tornou-se o núcleo doutrinário feminista contemporâneo mesmo sabendo que essa opressão persistirá diante de todas as conquistas e batalhas ganha no campo feminino.

Este movimento recusa-se ao estigma de inferioridade e possui atuação baseando-se na perspectiva da superação dessas relações conflituosas entre homens e mulheres. Em decorrência da atuação de líderes e intelectos feministas no movimento, fica claro que essas mudanças iram perpetuarem-se principalmente com as novas gerações femininas da qual projetam suas lideranças na figura feminina tendo base suas precursoras entre as quais destacam-se Simone Beauvoir, Betty Friedan e Kate Millet.

Não há como falar na luta das mulheres negras sem ao menos citar o nome de **Ângela Davis**³. Nos anos 70 Davis tornou-se a terceira mulher mais procurada do mundo pelo FBI e foi presa. Dezoito anos após sua prisão foi inocentada de todas as acusações que havia contra si, dentre elas um crime de sequestro e uma conspiração. Ângela não se considera uma reformista do sistema mas uma abolicionista, em suas palestras dentro do sistema carcerário aponta que a maioria dos negros e latinos dos país estão encarcerados e atribui a isso a origem de classe e raça dos apenados.

Atualmente Davis proferi discursos e palestras em faculdades e mantém-se como uma figura proeminente na luta pela abolição da pena de morte no Estado da Califórnia. Em outubro de 2019 esteve no Brasil e mais uma vez relatou que o negro continua sofrendo por privações dentre elas citou o caso de Mariele Franco que foi morta por causa da bandeira que defendia – o da mulher negra da favela. Ângela pediu as autoridades que a morte de Franco não ficasse no limbo, que calar uma mulher negra é matar também o Estado de Direito. Não foi só a figura de Davis que levantou a bandeira da luta pelos direitos e igualdade da mulher negra, outras mulheres, abaixo listadas,

³ Professora e filósofa socialista estadunidense, escritora de um dos mais belos best sellers da atualidade no livro *Mulheres, Raça e Classe*, Davis conta sua luta e como sobreviveu aos anos de prisão. Davis não se considera uma reformista e sim abolicionista, pois em suas palestras no sistema carcerário aponta que a maioria dos negros e latinos do país estão encarcerados e atribui a isso a origem de classe e raça dos apenados. Atualmente proferi discursos e palestras em faculdades e mantém-se como uma figura proeminente na luta pela abolição da pena de morte no Estado da Califórnia. No ano de 1977 e 1978 foi-lhe atribuída o Prêmio Lenin da Paz.

também percorreram um caminho árduo, mas que necessário para que na atualidade, as novas gerações de mulheres negras pudessem estar debatendo o assunto não apenas nas salas de aula de uma faculdade, mas também no meio da rua, no ônibus, na praça, etc. Discutir feminismo e não analisar as obras de Davis bem como as demais autoras abaixo listada, é querer avançar da forma errada, pois todas essas mulheres foram apenas algumas de tantas outras precursoras da luta. Por ser a base da pirâmide, a mulher ao se movimentar também movimenta toda a estrutura da sociedade, porque tudo é desestabilizado a partir da pirâmide social onde se encontra as pérolas negras, desta forma o mundo só será livre quando essa mulher for livre em sua totalidade. Pois falar em luta não só aluta das mulheres negras, mas também a luta da mulher trans, por esta ser o alvo mais consistente de violência, dentro do contexto de luta não se fala apenas em uma determinada classe, mas todas as classes, por ser a luta da humanidade.

Abaixo segue um quadro citando alguns dos nomes de mulheres, algumas brancas outras negras, mas que todas tinham um único desejo: a liberdade do sexo feminino.

Quadro 1: Mulheres em destaque e sua história.

APARECIDA CARNEIRO JACOEL	SUELI	É ativista antirracismo do movimento negro social no Brasil, fundadora e diretora do Instituto da Mulher Negra – Geledés, atualmente é considerada uma das principais autoras do feminismo negro no Brasil.
BERTHA LUTZ		Grande articuladora política dos anos 20 e 30 que deve como resultado o direito igualdade de direitos políticos bem como o direito de voto. Bertha uma das mulheres que representou o Brasil na assinatura da Carta da ONU no ano de 1945 . A incorporação da igualdade de gênero nesta carta foi fruto da insistência da cientista brasileira Bertha, sendo essencial para a causa feminista de forma global.
CARLOTA QUEIRÓS	PEREIRA DE	Foi a primeira mulher a ser eleita para deputada federal nos anos de 1934, quando o mundo vivenciava a Era Vargas. Ao subir no palanque para discursar emocionou toda a classe feminina que ali nunca antes esteve: (...) “o lugar que ocupo nesse momento nada significa, portanto, do que o fruto dessa evolução”.
CELINA GUIMARÃES VIANA		Moradora da cidade de Mossoró, no Rio Grande do Norte, foi primeira mulher do país a exercer o direito de voto, ficando conhecida como a primeira mulher à votar no Brasil no ano de 1927.
DJAMILA TAÍS RIBEIRO		Conhecida como Djamila Ribeiro, é uma atuante na luta por igualdade da classe , recebeu o prêmio holandês Prince Claus Award

		2019 por produção cultural de destaque, oferecido pelo Ministério das Relações Exteriores da Holanda. Tal prêmio se deu por causa da obra “Quem tem medo do feminismo negro?”.
ELZA GOMES DA CONCEIÇÃO	DA	<p>Conhecida como Elza Soares, foi eleita em 1999 como a cantora milênio e considerada uma das 100 maiores vozes da música brasileira segundo a revista Rolling Stone Brasil.</p> <p>Como a maioria das meninas pobres de sua época, Elza foi obrigada pelo pai a abandonar o estudo e casar-se com Lourdes Antônio Soares, amigo de seu pai que em certo dia a viu e logo se apaixonou.</p> <p>Após esse casamento, Elza sofreu bastante não apenas nos afazeres do lar como dona de casa, mas também a violência sexual sofrida constantemente, imaginemos uma criança de apenas 11(onze) anos tendo que manter relação sexual com um adulto.</p> <p>Aos 12(doze) anos foi mãe pela primeira vez. Aos 15(quinze) anos perde seu segundo filho para a fome.</p> <p>Com o marido doente de tuberculose e com outros filhos para criar, decide ir trabalhar com encaixotadora e conferente em uma fábrica de sabão, depois novamente voltou a ser de casa, pois com a melhora de seu marido, este a proíbe de trabalhar.</p> <p>Aos 18(dezoito) anos oficializou seu matrimônio, passando a assinar Elza da Conceição Soares e aos 21(vinte um) ficou viúva, pois seu marido reincide novamente na tuberculose.</p> <p>Com seis filhos e trabalhando como faxineira não ganhava o suficiente para sustentá-los e ainda comprar medicamentos, foi quando se inscreveu no concurso de música no programa de Ary Barroso, na rádio Tupi, vindo a fazer sua primeira apresentação ao vivo. A princípio não foi levada muito a sério, menina preta e malvestida, com cabelos black e nariz achatado, seu Ary olhou para ela e perguntou:</p> <p>De que planeta você veio?</p> <p>Vim do mesmo planeta que o senhor.</p> <p>E posso saber de planeta eu sou?</p> <p>Do planeta fome.</p> <p>Daí em diante Elza mostrou ao que veio e não deu outra. Ganhou o concurso, comprou os medicamentos para seus filhos e comida e de lá para cá ninguém mais segurou essa voz estupenda.</p>
LAUDELINA DE CAMPOS MELO		Mulher negra que em 1940 fundou o primeiro sindicato de trabalhadoras domésticas do Brasil e que após anos de luta em 1970 a categoria conquista o direito à Carteira de Trabalho e à Previdência Social.
MARGUERITE JOHNSON	ANN	<p>Conhecida por Maya Angelou, escritora e poetisa dos EUA, foi estuprada aos sete anos de idade pelo namorado de sua mãe. Maya escreveu para que o mundo tivesse conhecimento de sua história no livro “ I Know why the caged bird sings” - Eu sei por que o pássaro canta na gaiola”. Neste Maya conta que se sentia culpada pela morte de seu estuprador, pois seus tios o mataram ao descobrir do abuso que ela tinha sofrido.</p> <p>Maya possui uma história gigantesca, pois aos 16 anos de idade foi a primeira mulher negra a trabalhar como motorista de transporte</p>

	<p>público de São Francisco.</p> <p>Amiga pessoal de Martin Luther King e Malcolm X, militou pelo fim da segregação racial nos EUA. Trabalhou em missões humanitárias na África nos anos de 1960 e mais tornou-se conselheira dos presidentes Bill Clinton e Barack Obama.</p> <p>O “Still I Rise”, tornou-se icônico manifesto do movimento negro nos Estados Unidos.</p>
MARIA ERNESTINA CARNEITO SANTIAGO MANSO PEREIRA	Primeira mulher no país à exercer de forma plena seus direitos políticos: o de votar e ser votada
NÍSIA FLORESTA BRASILEIRA AUGUSTA	<p>Dionísia Gonçalves Pinto, mais conhecida como Nísia Floresta, em homenagem a sua terra natal, a cidade de Nísia Floresta, situada no Rio Grande do Norte. Nísia, como gostava de ser chamada, foi a primeira mulher a publicar textos em jornais no ano de 1810, época em que a imprensa nacional ainda estava engatinhando.</p> <p>Nísia também foi responsável por dirigir um colégio só para moças no Rio de Janeiro e escreveu livros em defesa dos direitos das mulheres, dos índios e dos escravos. O que em outubro de 1810 fez com que Nísia torna-se uma pioneira do feminismo no Brasil.</p>
PATRÍCIA REHDER GALVÃO	Trabalhou na defesa da mulher pobre e sua crítica ao papel conservador feminino na sociedade permearam não só sua vida, mas suas obras idealistas.
RENATA SOUZA	1ª mulher negra no comando da Comissão de Direitos Humanos da Alerji
ROSE MARIE MURARO	<p>Esta tratou de forma contundente sob a condição da mulher na sociedade em que ela vivia, deixando tudo bem explicitado em seu livro A sexualidade da Mulher Brasileira.</p> <p>Nasceu em 1930 praticamente cega, mas essa deficiência não foi impedimento para aquilo que ela acreditava ser o correto nem tampouco de lutar.</p>
SIMONE DE BEAUVOIR	<p>Escritora francesa do século XX que mesmo não se considerando uma filósofa teve influência significativa tanto no existencialismo feminista quanto na própria teoria feminista.</p> <p>Tornou-se autora de grande obras, como por exemplo O segundo sexo, onde discuti de forma maciça a figura da mulher como pessoa detentora de seus próprios direitos e escolhas, inclusive o de não casar.</p>

Fonte: Elaboração própria da autora com base em dados históricos.

A luta da mulher negra ganhou espaço com o passar dos séculos, mas ainda há muito o que alcançar, vez que ainda estamos na luta pela igualdade não apenas salarial, mas pela igualdade da cor.

2.3 PROCESSO HISTÓRICO DO FEMINISMO NEGRO NO BRASIL

Feminismo negro é um movimento considerado Social e Político na luta pela igualdade de direitos entre homens e mulheres, que busca uma forma de libertação dos padrões patriarcais que foi estabelecido por nossa sociedade. Este movimento contribuiu nas organizações das lutas pautadas não apenas na emancipação da mulher, questionando-se sua subordinação e hierarquização do sexo, mas também nos discursos e práticas em torno desta, lutando desta maneira por conquistas de uma cidadania plena e igualitária à todas independente de cor.

No Brasil, o movimento surgiu em meados do século XIX, ao notar-se que a figura feminina ficou de fora dos preceitos que ali estavam, vindo desta forma a refletir um gigantesco reflexo pela não-inclusão de mulheres na carta magna. O que não aconteceu na Constituição de 1934, nesta as mulheres conquistaram os primeiros direitos, com a conquista pelo direito de voto bem como a representação na política, mais tarde, mas específico nos anos 60 o feminismo ganha força com a chegada do anticoncepcional e o acesso as universidades.

Mas adiante escritora começam a destacar-se e servir de inspiração para que as lutas femininas não parassem, a exemplo Simone de Beauvoir, em seu livro *O Segundo Sexo*, que estava a todo auge de sua discussão sendo assim uma importante obra para o desenvolvimento do feminismo.

No Brasil em meio ao clima da ditadura militar, o movimento feminista foi ganhando espaço mesmo que em meio a repressão e censura do momento, o regime militar via com grande desconfiança qualquer manifestação de feministas, por entendê-las como política e moralmente perigosas (PINTO, 2010, p. 17).

O feminismo no Brasil não foi uma importação que pairou acima das contradições e lutas que constituem as terras brasileiras, foi um movimento que desde suas primeiras manifestações encontrou um campo de luta particular (PINTO, 2003, p. 10).

Diante de todo o exposto algo nos chama à atenção, o movimento feminista brasileiro durante a luta da emancipação das mulheres, estas tiveram que enfrentar as desigualdades dentro do próprio movimento, nesse sentido Pinto (2003) considera:

O movimento feminista, em países como o Brasil, não pode escapar dessa dupla face do problema: por um lado, se organiza a partir do reconhecimento de que ser mulher, tanto no espaço público como no privado, acarreta consequências definitivas para a vida e que, portanto, há uma luta específica, a da transformação das relações de gênero. Por outro lado, há uma consciência muito clara por parte dos grupos organizadores que existe no Brasil uma grande questão: a fome, a miséria, enfim, a desigualdade social, e que este não é um problema que pode ficar fora de qualquer luta específica. Principalmente na luta de mulheres e dos negros a questão da desigualdade social é central (PINTO, 2003, p. 45,).

Na década de 80, após mudanças ocorridas e com o fim da ditadura militar e posteriormente a promulgação da Constituição Federal, o então país entra em um grande processo de transformações, dentre eles o movimento feminista brasileiro começa de fato a ganhar força. Tal deslocação, entrou em sua fase de efervescência na luta pelos direitos das mulheres, onde também surgiram inúmeros grupos em todas as regiões do país tratando não apenas do feminismo, mas também de uma gama muito mais ampla de temas como a violência, sexualidade, o direito de trabalho dessa mulher, a igualdade no casamento, o próprio direito materno-infantil bem como a luta contra o racismo. Este ainda é muito forte no Brasil e talvez um dos mais graves por provocar um dano maior a todos os envolvidos, é uma prática que rebaixa a todos, independentemente de idade, cor ou raça, tanto para quem pratica quanto para quem é vítima e desta forma produz uma falsa superioridade em relação aos demais seres humanos.

Segundo dados, organizações como o Géledes, Fala Preta e Criola bem como coletivos e produção intelectual, também surgiram no ano de 1985, nomes como o de **Lélia Gonzalez**⁴ surgiu como grande nome e passou a ser

⁴ Uma das fundadoras do Movimento Negro Unificado e do Coletivo de Mulheres Negras N'Zinga, Lélia

estudado, pois além de colocar a figura da mulher negra no centro do debate, Lélia vê a hierarquização de saberes como classificação de um produto racial da própria população, uma vez que o branco serve como modelo universal. Segundo a autora, a construção do racismo se deu “como a ‘ciência’ da superioridade eurocristã (branca e patriarcal), na medida em que se estruturava o modelo ariano de explicação” (RIBEIRO, 2019, p. 124).

A luta do movimento feminista ganhou e continua ganhando várias articulações, mas que não depende apenas da nossa capacidade em superar essas desigualdades que foram geradas através da história por sua hegemonia masculina, exigindo desta forma uma superação de ideologias que serviram de complementação do sistema de opressão como foi o caso do racismo. E o mais cruel é que a própria sociedade preferiu não se dar conta de tal problema que em decorrência desse descaso nos levou onde estamos atualmente, mulheres sendo mortas de forma covarde por seus companheiros que não aceitam o fim de um relacionamento ou mortas pelo simples fato de ser mulher, vale destacar que a maioria é negra e pobre, que vivem à margem de uma sociedade capitalista, onde quem tem mais sempre quer mais e quem tem pouco nem sempre consegue sobreviver de forma digna.

A partir da politização entre desigualdades de gênero bem como de raça, as mulheres, em especial as negras, tomaram conhecimento de novos sujeitos políticos no interior do movimento feminista, movimentos estes que pertencem a grupos e classes sociais muito diversos, etnias e raças diferentes que possuem uma sexualidade distinta assim como a trajetória política.

2.4 A HISTÓRIA DE SARAH BAARTMAN – A VÊNUS NEGRA

Sarah partiu da África em 1810 para Londres, com um homem chamado Cezar, que a promete riqueza através de apresentações de sua dança. Sua vida foi marcada de penúria, começando ainda quando criança, em sua terra,

ao mesmo tempo em que discutia a linguagem do povo negro também criou o que na atualidade se conhece por amefricandade e pretugês. Antropóloga e professora brasileira, Lélia também era intelectual e política que revolucionou o movimento negro. Considerada um dos grandes nomes do movimento negro contemporâneo e que em seu livro, Lugar de Negro, fez duras críticas ao problema racial que está impregnado nos dias atuais.

quando sua mãe morre, estando Sarah com apenas dois anos de vida. Ao ficar adolescente seu pai também veio a falecer e ela passou então a trabalhar como doméstica na cidade do Cabo, quando seu esposo foi assassinado por um colono holandês que também matou seu único filho.

Após tal fato triste, em outubro de 1810 mesmo sendo analfabeta, Sarah, supostamente assina um contrato com William Dunlop, um cirurgião inglês e Hendrik Cesar um empresário, dono da casa em que Sarah era doméstica, dizendo que ela viajaria para a Inglaterra onde apareceria em espetáculos com a promessa de que ficaria rica. Não sabendo que iria ser explorada como figura sexual e que seria tratada como um animal ao ser exposta em circos e casas dos grandes ricos da Inglaterra, Sarah aceita a proposta e viaja com eles.

A partir desse momento começa a terrível história de Sarah, nos espetáculos usava roupa justa e da cor de sua pele, para destacar suas curvas tão desejadas, contos e plumas e fumava um cachimbo. Clientes abastados pagavam por seus shows privados em suas casas, em que eram permitidos que os convidados pelo dono da casa as tocassem. Seus “empresários” a apelidaram de “Vênus Hotentote”, nome usado pelos holandeses para descrever o povo khoikhoi e aos san, principal membro de um grupo africano populacional, chamados de khoisans. Tal termo hoje não mais é permitido por ser considerado pejorativo.

A relação de Baartman e seus “donos” até hoje causa espanto, vez que na época em que foi explorada, o império britânico já havia abolido o tráfico de escravo em 1807, mas não a escravidão. Mesmo assim, ativistas se surpreenderam com a forma como ela era tratada por seus empresários em Londres. Logo em seguida foram processados judicialmente por ter decidido-a contra sua vontade, mas foram declarados inocentes, pois a própria Sarah foi quem testemunhou a favor deles. Ainda não se sabe se foi forçada a fazer o que fez, testemunhar a favor de seus carrascos, ou se foi de livre arbítrio, que de seu testemunho a favor deles.

A perversidade humana é tão grande que como se não bastasse todo o sofrimento vivido por Sarah, após sua morte aos 26 anos seu esqueleto foi preservado bem como seus órgãos genitais em frascos para serem exposto no

Museu do Homem de Paris até 1924, o que foi considerado como grotesco, e como se não bastasse, antes de ser dissecada fizeram um molde de gesso seu, mantendo desta forma todas as suas curvas corporais.

Baartman foi humilhada pelo fato de ser mulher e não apenas só uma mulher, era mulher e negra e que mesmo após sua morte prematura aos 26 anos, ainda permaneceu sendo maculada por seres humanos que se sentiam superiores pelo fato de serem brancos. Sua história nos faz refletir o quanto as mulheres sofreram, e quando se tratavam de mulheres negras, esses sofrimentos iam além do que os nossos olhos poderiam ver. Qual o real motivo de tanto ódio? A própria bíblia fala que todos somos filhos de um único Deus entidade que nos rege conforme cada religião, cada povo e cada tribo. Ou não?

Vênus significa o segundo planeta do sistema solar que fica entre Mercúrio e a terra. E quando relacionado a nomes de pessoas, passaria a ter o significado de “amor”, “o desejo sexual”. Na versão inglesa, Vênus, que tem origem latina que possui literalmente o “amor, o desejo sexual” como significado. Partindo para a mitologia romana era considerada a deusa da fertilidade e do amor, o que equivaleria a deusa Afrodite, estando desta maneira atrelada à representação artística da mulher fazendo uma alusão a vênus de milo ou willendorf.

E a Vênus Negra? Esta teria como significado grotesco, o amor de uma preta, de nádegas grandes que poderia ser explorada das mais perversas formas por não ser considerada um ser humano e sim um bicho por causa de sua cor, não sendo capaz inclusive de sentir dor.

Existe um olhar do colonizador sobre nossos corpos, saberes, produções e, para além de refutar esse olhar, é preciso que partamos de outros pontos. De modo geral, diz-se que a mulher não é pensada a partir de si, mas em comparação ao homem. É como se ela se pusesse se opondo, fosse o outro do homem, aquela que não é homem (RIBEIRO, 2019, p. 34 e 35).

Ao fazer alusão da história Sarah para com os dias atuais, é notório que a luta pelo movimento negro deve ser sempre lembrado, não como um triste acontecimento, mas por todas as conquistas alcançadas onde muitas mulheres morreram, muitas delas por não se sujeitarem aos desejos de seus donos, mas

também por desejarem serem tratadas como pessoas que eram. É claro que hoje avançamos bastante no que diz respeito ao respeito para com os negros, em especial a mulher negra, mas que se não continuarmos lutando, e da forma certa corremos o risco de voltar a viver no terrível tempo em que viveu a grande Sarah, vez que ainda vivenciamos a hipersexualização da mulher negra.

Acima de um passado que está enraizado na dor
 Eu me levanto
 Eu sou um oceano negro, vasto e irrequieto
 Indo e vindo contra as marés, eu me levanto
 Deixando para trás noites de terror e medo
 Eu me levanto
 Em uma madrugada que é maravilhosamente clara
 Eu me levanto
 Trazendo os dons que meus ancestrais deram
 Eu sou o sonho e as esperanças dos escravizados
 Eu me levanto
 Eu me levanto
 Eu me levanto!
 (RIBEIRO,2019, p. 16 e 17).

O corpo de Baartman voltou a África no 2002, 192 ano após seu nascimento, quando a pedido do então presidente sul-africano Nelson Mandela, requereu formalmente que seus restos mortais fossem enviado ao seu país natal para o sepultamento, onde pôde descansar, não em vida, mas na eternidade

Diante do que foi exposto, é primordial que para estarmos aqui hoje escrevendo sobre o feminismo negro e toda a sua luta, muitas mulheres tiveram que morrer das mais cruéis formas para que hoje nós tivéssemos essa oportunidade, que a morte da grande Sarah e de tantas outras mulheres não tenha sido em vão. Que não nascemos negras, mas nos tornamos mulheres negras, isso é uma grande conquista que devemos nos orgulhar.

Ademais, cabe ao Estado trabalhar em todas essas nuances para erradicar de uma vez por todo esse mal que nos assola desde os tempos da escravidão, começando pela base que é a família e depois a escola. Esta deve trabalhar na desconstrução de todas as formas de preconceitos e exaltar todas

a luta do povo negro, em especial a mulher negra por ser a maior vítima durante todo o percurso da história.

2.5 PRINCIPAIS VERTENTES DO FEMINISMO

O feminismo é um movimento político que bulha pela emancipação da mulher. Esse deslocamento foi construído por autoras, através de uma articulação de luta, militâncias e conquistas. Ao ampliando de toda a sua história, as linhas feministas foram se organizando em torno de demandas de grupos específicos dentro do próprio feminismo e desta forma estudadas e mapeadas. Essas fragmentações que permeiam uma organização em torno de um pensamento seja ele teórico ou político, dentro de um determinado grupo recebe o nome de “vertentes”.

De acordo com Carolina Branco Castro Ferreira, pós-doutorados do núcleo de estudos de gênero Pagu, da Unicamp, em uma entrevista ao Brasil Post afirmou que durante a segunda onda do feminismo em meados dos anos 60, ele ganhou força. Nesta mesma época em meio a luta pela redemocratização do país, as mulheres foram as ruas não apenas em busca do direito ao voto, mas que também reivindicavam por outras conquistas.

Durante tais manifestações constatou-se que: mulheres brancas, da classe alta, estavam lutando por direitos iguais, enquanto que as negras lutavam por direitos básicos. Por isso surgiram as vertentes do feminismo, para que as pautas fossem tratadas de acordo com cada grupo, por haver dessa forma a necessidade de uma mulher branca ser diferente das necessidades de uma mulher trans como por exemplo. Porém, algumas pautas são comuns entre duas ou mais vertentes, como a violência de gênero.

No artigo da filósofa Marilena Chauí, Participando do Debate sobre Mulher e Violência ela explica que “a violência contra a mulher é o resultado de uma ideologia de dominação masculina, que é reproduzida pelos homens, mas, também, pelas mulheres” (LEMOS, 2016, p. 2).

Hoje no Brasil, os movimentos considerados mais populares são: o

feminismo negro, o feminismo radical e o feminismo interseccional, existindo ainda o feminismo trans e o liberal.

FEMINISMO RADICAL

A origem da palavra pode ser idealizada como algo extremo, o que significa que as consideradas feministas radicais – ou radfem, sendo esta a forma como são chamadas, não são extremistas. Tal vertente acredita de forma plena na abolição de gênero, pondo fim a socialização que é imposta as pessoas ao nascerem, quando o Estado diz que determinado nascituro é homem ou mulher. Esta corrente surgiu por volta dos anos 60 e 70 e possui como defesa a raiz de onde vem a palavra – de todas opressões é o patriarcado.

O radfem, aceita apenas mulheres do próprio movimento, sendo este o motivo do qual elas são taxadas de transfóbicas. O que se vê de diferente entre o radical e as demais vertentes é o fato do não reformismo do radfem, mas a forma de abolicionista por acreditarem que determinadas coisas devem ser destruídas, que só desta maneira haverá a libertação feminina, como por exemplo a prostituição. Pois, o homem dentro da sociedade, isso desde o princípio, sempre se beneficiou com tudo pelo fato de ser homem e de “defender” o direito de uma mulher de se prostituir ao mesmo tempo em que também desfruta do direito de explorá-la.

FEMINISMO NEGRO

Tal vertente que advém do próprio feminismo negro, se atrela a luta antirracista ao combater todas as formas de opressão na classe de gênero. O feminismo negro ganha força no Brasil no período em que mulheres da classe média e elite lutavam por direitos à educação e voto. Por outro lado, observa-se que a mulher negra já realizava trabalho de forma compulsória como escravas, serventes domésticas, e que por estarem nesse patamar de inferioridade a elas eram negados o direito de construir suas famílias por

terem que dedicar-se à serventia do branco. Isso tudo ocorria dentro do chamado sistema de exploração que tinha como base o racismo em sua forma mais cruel e perversa.

TRANSFEMINISMO

O transfeminismo surgiu como uma corrente que voltava apenas para as questões consideradas de pessoas trans, ou seja, alguém que possui uma identidade de gênero diferente daquela esperada pela sociedade em função do seu sexo biológico. Desta forma, ao perceber a falta de visibilidade e conseqüentemente a exclusão no feminismo levaram a organização dessa vertente fazendo-a surgir como organização própria.

FEMINISMO LIBERAL

Como o próprio diz, esta vertente é o inverso do feminismo radical. Também conhecido libfem, ele acredita que a forma de alcançar a igualdade entre homens e mulheres será por meio das reformas políticas e legais. Também pregam que, a partir do momento em que a mulher decidir seguir um padrão de beleza ou se prostituir, ela estará exercendo sua liberdade de escolha. O que não se vê no radfem, vez que ele afirma que a figura feminina está condicionada à essas condições. Esse é o tipo de feminismo menos popular no Brasil, mas que também é bastante conhecido na Europa e nos Estados Unidos, entre os principais nomes do feminismo liberal no século 20 podemos citar Eleanor Roosevelt, Hilary Clinton e Naomi Wolf.

FEMINISMO INTERSECCIONAL

Outras feministas já se utilizavam da palavra interseccional, mas que este apenas em 1989 tal conceito foi cunhado por Kimberlé Crenshaw em sua

tese de doutorado em 1989, quando batizou o termo ao lançar seu livro:

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras (RIBEIRO, 2019, p. 122).

Esta vertente é uma corrente que procura a intersecção entre os tipos de opressões, sejam elas de gênero, de raça ou até mesmo de classe social. Tais padrões culturais não só estão interligados, mas também estão unidos e influenciados pelo sistema interseccional de toda a sociedade. Essa visão de que as mulheres experimentam dessa opressão configura dos mais variados e diferentes graus de intensidade, e isso deve ser combatido. Esta vertente possui como participantes Kimberlé Crenshaw, Audre Lorde e Bell Hooks.

De todas as vertentes expostas acima, esta é a que mais possui a participação da figura masculina, as radicais na década de 70 e até mesmos aos dias atuais são completamente contra, pois para elas os homens são opressores por natureza.

Um movimento que se pauta em aprendizagem com o outro é muito saudável e enriquecedor. Para mim é essencial que feministas brancas estejam a par do que as mulheres negras estão discutindo, assim como pra mim é importante eu saber o que acontece com as pessoas trans uma vez que eu sou cisgênero (FRANÇA. Site capitolina “ Se o nosso feminismo não é para todas essas mulheres, para quem é ele? ”) (LEMOS, 2016, p. 7).

Diante de todo o discutido, se faz mister uma reflexão sobre a discussão do quanto progredimos, mas que ao mesmo tempo retrocedemos. Retrocedemos quando ficamos calados ao ouvir o vizinho agredindo sua esposa, retrocedemos quando fechamos os olhos ao ver o próprio Estado esquivando-se de suas obrigações em defender seu cidadão. Retrocedemos quando assistimos a própria nação baixando a cabeça em meio a tanta injustiça cometida pelo próprio Estado.

CAPITULO III

Neste capítulo abordaremos as contribuições do feminismo negro na América Latina, bem como a resistência e preservação dos quilombos. Nessa explanação merecem destaques mãe Beata e mãe Estela, mulheres fortes que em meio ao caos na atualidade resistiram ao preconceito referente à sua religião, matriz africana. Será abordado também a resistência da mulher negra no terreiro.

3. CONTRIBUIÇÃO DO FEMINISMO NEGRO NA AMÉRICA LATINA

No ano de 2014, durante o Dossiê Mulheres Negras, trouxe um termo que antes foi visto no ano 1872, termo este que de forma exclusiva colocava o homem com sendo “homem da casa”, e que mais tarde, mais específico no ano de 2000, tal nomenclatura foi substituída como “ pessoa responsável”, o que ao

meu ver desconstruiu de forma abrupta com aquele extrato do patriarcado. Ao sairmos desse ambiente patriarcado, nos libertamos do ambiente doentio masculino, onde apenas o homem tinha voz e vez, mas ainda estamos condicionadas às péssimas condições de trabalhos com salários inferiores aos do sexo masculino, mesmo desempenhando as mesmas funções.

Também não alcançou de forma favorável, moradias dignas bem como o acesso à saúde e a chamada mobilidade urbana, pois ainda estamos, na maioria, trabalhando com doméstica nas casas de família, o que caracteriza que, saímos da senzala e caímos direto na casa grande.

O que antes só tinha acesso aquelas que cozinhavam deliciosos quitutes, claro que sabemos que a cozinha da casa grande ficava apartada dos demais cômodos, justamente para evitar que a negra que cozinhava deliciosos quitutes fosse parar na sala junto de seus senhores., bem como seus filhos, estes brincavam até os 05 anos de idade com os filhos dos senhores, mas ao completarem 07 anos, iam trabalhar na lavoura igual aos adultos. Vejam o quanto cruel foi a escravidão, as crianças eram iguais até completarem a idade adequada para o trabalho braçal.

Destaca-se que que primeiro construiu as chamadas relações de trabalho, foi mulher negra urbana bem como sua própria libertação e emancipação. O chamado chefe da família, aquele que até então era o provedor de tudo, desapareceu com o passar dos tempos, mas que infelizmente ainda é visto nas casas daquelas mulheres que ainda estão à margem da sociedade. Mulheres estas, que não têm ao menos o direito de tomar um anticoncepcional, o que constato cotidianamente no serviço público, mulher está, que parece que foi esquecida pelo Estado.

3.1 RESISTÊNCIA E PRESERVAÇÃO DO POVO QUILOMBOLA

Passados 129 anos desde a abolição da escravatura, os quilombos continuam sendo locais necessários à resistência da população negra. O reconhecimento dessas comunidades na atualidade deve ser encarado como um reparo por todos os danos do período escravista, danos estes que são

sentidos na própria modernidade. Aquele é tido como combustível não apenas para a atual luta contra o racismo, mas também como o direito à terra que no governo de Michel Temer ficou ameaçado, quando se paralisou as demarcações dessas terras.

É estimado que há no Brasil cerca de 3 mil comunidades consideradas quilombolas e que as consequências do processo da escravidão, tendo em vista o atraso em uma década em relação a população branca do país. Esse número comprova que não há o que se falar em qualidade de vida para o negro. Mulheres como Ivone de Mattos Bernardo, moradora do Quilombo Maria Conga em Magé, situado na Baixada Fluminense, afirma que os brancos se incomodam com a luta do povo negro, em especial os quilombolas, por lutarem por direitos iguais. Uma outra mulher que merece destaque é Anastácia. Que mesmo não havendo dados históricos acerca de sua existência, deixou sua marca como mulher forte e defensora da liberdade da mulher negra. Anastácia torna-se uma mártir nos dias atuais e cultuada tanto no candomblé quanto na umbanda.

Considerada como um misto de bravura somada à resistência, doçura e fé, a escrava Anastácia foi fruto de um estupro, quando sua mãe aqui chegou. Anastácia era tão bela que não incomodava apenas seus senhores, mas as mulheres destes, descrita como bela e forte, Anastácia lutava pela repressão sofrida por todos os negros, mas isso não impediu que sofresse tal brutalidade. Sentenciada a usar uma máscara de ferro durante toda a sua vida, apenas retirada na hora de comer, Anastácia suportou por anos a violência, os maus tratos e espancamentos que só se libertou após morrer. Hoje é cultuada como santa no Brasil, sua força incentivou outros negros à debelarem-se.

Quando se ouve falar em quilombo e voltando um pouco na história, no passado era visto como refúgio do povo africano e afrodescendentes que aqui viviam. A nomenclatura quilombo fazia referência ao guerreiro da floresta, do latim banto, ao longo da escravidão surgiram vários quilombos, tendo o mais importante o de Palmares. Neste destacou-se Zumbi dos Palmares, nasceu livre, mas ao completar 15 anos foi morar no quilombo por conta própria. Zumbi teve ao seu lado Dandara, sua esposa, que apreendeu a lutar copeira, a caçar e pegar em armas para defender os negros que ali moravam. Liderou grupos

femininos treinando-as para saberem se defender em ataques futuros, como Tereza de Benguela, Dandara também teve um trágico fim, para livrar-se das forças militares, no ano de 1694 jogou-se em abismo. Segundo dados históricos, estima-se que em Palmares viveu 30 mil pessoas em aldeias, o que na atualidade continua sendo o maior regime de resistência da escravidão.

Outro nome de destaque foi Tereza de Benguela, recentemente tornou-se símbolo nacional, tendo o dia 25 de julho oficializado como o dia de Tereza de Benguela. Nesta mesma data também se comemora o dia da Mulher Afro-Latino-Americana e Caribenha, que foi criado no ano de 1992, no I Encontro de Mulheres Negras da América Latina e do Caribe, na República Dominicana. Rainha do quilombo Quariterê, que no século XVIII resistiu por 20 anos, ganhando não apenas um parlamento, mas parceiros comerciais e adquirindo uma eficiente força de defesa. Não se sabe ao certo qual a origem de seu nascimento, se foi Brasil ou no continente Africano nem tão pouco a data de sua chegada. Um nome forte na atualidade é o da primeira mulher negra no Brasil a chegar na Câmara dos Deputados, a então deputada Antonieta de Barros.

Dentro do Estado moderno não se ouve nem tampouco se apreende durante os tempos de escola nomes como estes. O que de certa forma torna-se cruel para com as memórias negras que existem no país, é como se o próprio Estado que tanto fala em igualdade de direito, de credo e de raça, negasse sua própria essência. Uma vez que a população negra representa mais de 50% da população brasileira e que por este motivo é a segunda maior população negra fora da África. Perversidades como as sofridas por Anastácia e outros tantos escravos só deixaram de existir no ano de 1842, com o chamado Código Criminal do Império.

Tantos nomes destacaram-se na luta do povo negro, mulheres que lutaram bravamente, luta esta que tinha como finalidade recíproca manter a vida daqueles que escapavam da escravidão e dos castigos cruéis sofridos, castigos esses que quando não matavam deixavam sequelas para o resto da vida do indivíduo, mulheres que ultrapassaram barreiras a exemplo de mãe Beata e mãe Estela de Oxóssi, que assim como Ivone de Mattos, são símbolos de luta e resistência das raízes do povo negro.

3.2 RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA E O FEMINISMO NEGRO

Quando o assunto é religião, sabemos que no atual país não há de fato uma religião a ser seguida, pois estamos diante de um Estado Laico. Laicidade é um princípio constitucional que harmoniza todos os seres humanos, fundando-se sobre o que nos une e não o que nos separa, a laicidade realiza-se pela separação do Estado e suas diferentes instituições religiosas, sejam elas agnósticas ou ateias e vai muito além, o Estado neutraliza-se em relação às várias opções para a consciência de cada cidadã. E não poderia ser diferente, negar ao povo brasileiro o direito de manifestar-se conforme sua crença, é negar ao povo suas memórias, vez que nisso não foi espreitado lá na época da escravidão.

Não se pode falar em intolerância religiosa, quando o assunto é as religiões de matriz africana, sem dizer que a exatos 129 anos, o próprio Estado brasileiro proibiu a prática da religiosidade afro-brasileira. No ano de 1890 o Estado brasileiro, pasmem, já republicano, através da aplicação do Código Penal, proibiu não apenas o culto a religião afro-brasileira, mas também a taxou como xamanismo e como maia negra. Foi também em nome desse Estado, que agindo dentro do que se chamava “Modernidade” buscou-se embranquecer a população, isso por causa da miscigenação e das políticas imigratórias.

No ano de 1911, o I Congresso Internacional das Raças, realizada em Londres, o médico João Baptista de Lacerda, discursou em voz alta que não mais seria preciso que em cem anos a população negra desapareceriam e que os mestiços seriam reduzidos à apenas três por cento entre os ditos nacionais. João acertou em parte, pois com a invenção dos presídios, invenção esta copiada dos EUA, a população negra encontra-se de forma maciça encarcerada. João só não imaginou que na atualidade em que estamos vivendo, a população negra soma os mais 50% e que infelizmente ainda lutamos por aquela tão sonhada igualdade.

Dizer que somos livres seria pura utopia, pois estaríamos nós próprios nos enganando, mas dizer que continuamos à lutar, isso sim faz parte do nosso cotidiano. Lutar por dias melhores não significa que queiramos retirar o direito de alguém, nesse caso o branco, que se acha branco dentro de sua mente, lutar significa dizer olha – estamos aqui juntas e juntos lutando igual as Dora Milaje. Para quem não sabe da história dessa guerreira, Dora Milaje foi um exército formado exclusivamente por mulheres em Pantera Negra, mas talvez o que muitos não sabem é que elas foram inspiradas diretamente nas Amazonas de Daomé. Tais mulheres já foram as mais temidas do planeta, o que nos falta é aceitar que nosso sexo frágil é capaz de mudar o mundo, quando conseguimos enxergar isso, tudo fará sentido e não mais se falará em preconceito, seja ele religioso, seja ele de cor de pele ou orientação sexual. Não podemos culpar o homem branco da atualidade pelas atrocidades cometidas com o povo negro durante o período de escravidão, mas podemos dizer-lhes que ele está colhendo os frutos de seus antepassados.

3.3 MULHERES NEGRAS NO TERREIRO COMO RESILIÊNCIA DA FIGURA FEMININA NEGRA

Por muitas décadas a figura da mulher, nesse caso a mulher negra, foi muito perseguida. Não bastava ser tratada como um animal submisso do homem, erámos perseguidas também quando o assunto era religião e foi no terreiro que muitas encontraram refúgio para sua sobrevivência. Durante a ditadura militar no Brasil, a oposição a este golpe não se limitou apenas aos setores da classe média urbana, nesse caso os brancos. A presença do negro foi muito expressiva, dentre mortos e desaparecidos o negro era em suma a maioria atingida pelas políticas autoritárias da época. O escritor Haroldo Costa, em sua obra Fala de Criolo, destacou de forma bem clara essa questão:

Cada vez que há um endurecimento, um fechamento político, o negro é atingido diretamente porque todas as suas reivindicações particulares, a exposição de suas ânsias, a valorização de sua história, desde que não sejam feitas segundo os ditames oficiais, cheiram à contestação subversiva (COSTA, 1982, p. 16-17).

As primeiras formas de resistência do povo negro foi a fuga e os

quilombos, a violência contra as religiões africanas vêm de resquícios da própria escravidão. Tal processo foi o responsável por dividir famílias inteiras, povos, línguas e culturas, diante dessa perversidade não poderia ter outro resultado a não ser a perseguição religiosa. É claro que o europeu não seria capaz de fazer sozinho todo esse processo, mas com a ajuda do Estado e da Igreja católica que ao unirem suas forças desumanizaram todo aquele povo sequestrado fazendo com que aceitassem sua condição de escravo.

Nesse momento a figura feminina começa a surgir como aquela que fazia o trabalho braçal igual com o homem, mas não aceitava sua condição de escrava. E foram essas mulheres que lutaram, que se rebelaram e até mesmo mataram seus senhores para servirem de exemplo à outras mulheres e mostrar-lhe que só há um caminho – o da luta. Hoje essa mesma violência continua, o que mudou foi apenas seus perpetuadores, não apenas a inquisição ou o governo colonial que perseguiu as religiões africanas, mas foi também o Estado, este falhou desde sua criação e continua falhando. Diferente da época citada, na Atualidade existe aquilo que se chama de neopentecostais presente nas bancadas do poder dentro da política brasileira.

É evidente que o Estado brasileiro nunca esteve preparado para lhe dar com tal situação, mas também é fato que caso nada seja feito. Toda a luta do povo negro, em especial a mulher terá sido em vão, uma vez que o Estado já deveria ter tipificado como ofensa religiosa. Se por um lado há esse despreparo do Estado, por outro as delegacias não estão preparadas para lhe dar com situações que envolvam discriminação religiosa. Pois, mais uma vez o Estado fracassou no que diz respeito a proteção do seu cidadão, seja este qual for a sua religião.

A escola deveria ensinar a história ioruba, como foi previsto no ano de 2003 que as escolas estão obrigadas a ensinar a história e cultura afro-brasileira, dentro das disciplinas que já fazem parte da grade escolar. Em 2008, houve uma ampliação da lei supracitada, que incluiu também de forma obrigatória o ensino da história e cultura indígena. O objetivo de ambas as leis é combater o racismo no país e ao mesmo tempo mostrar para as futuras gerações que negros e índios participaram na construção da identidade nacional.

Outro ponto muito relevante dentro cenário religioso, nesse caso específico a Umbanda, merece destaque a figura das pombas-gira. Esta é uma entidade espiritual presente na umbanda, pela qual manifesta-se incorporada em um médium, sendo a mensageira entre o mundo dos orixás e a terra. Para os sacerdotes, alguns afirmam que a pomba-gira nada mais é que um espírito feminino, de uma mulher que foi prostituta que ao morrer voltaram para evoluírem, o que na umbanda é um espírito da luxúria, onde todos os prazeres do mundo terrestre lhe são agradáveis e que ainda representa o equivalente à força de Exu (orixá guardião das aldeias, casas e do próprio comportamento humano), sendo assim a própria personificação da natureza no que tange às forças desta.

Diante de tudo que foi exposto neste capítulo concluímos que, o que podemos fazer para melhorar a condição da mulher, enquanto negra é massificar o ensino nas escolas dentro de todos os campos, onde cada um tivesse acesso a origem de seu povo e sua longa trajetória.

3.3.1 MÃE BEATA

Entre tantas mulheres notáveis na atualidade, dentre elas Mãe Stella de Oxóssi e Mãe Menininha do Gantois, destacar-se-á Mãe Beata e Mãe Stella de Oxóssi. Nascida no dia 20 de janeiro de 1931, em Cachoeira na cidade do Recôncavo Baiano, Mãe Beata é na atualidade a maior representatividade feminina, mulher negra um dia disse: “Não existe branco no Brasil. Todos nós temos sangue negro e devemos correr atrás de nossas raízes”. Em meados dos anos 50 e em quase 20 anos de idade Mãe Beata muda-se para a capital Salvador. Partindo uma família que tinha fortes conceitos patriarcais e com quatro filhos Beata sempre foi vista como uma mulher vanguardista. Casada com Apolinário e vendo que seu casamento andava de mal a pior, decide arrumar as malas e viajar para o Rio de Janeiro em meados de 69, sabendo que não seria bem vista perante à sociedade da época por ser mulher, negra, divorciada e com 4 filhos, mesmo assim encarou tudo e todos e libertou-se daquele casamento que tanto fazia-lhe mal. Há mais de 30 anos, Mãe Beata de Yemanjá debate em seu terreiro diversos encontros e debates sobre a cultura

negra e a importância do feminismo, mostrando a todos a força do Candomblé como um instrumento social e de inclusão. Diante de seu trabalho incansável, Mãe Beata recebeu diversas homenagens ao longo de sua vida, como por exemplo o Diploma de Personalidade de Destaque da Comunidade Negra e Moção Honrosa e Congratulação pela Militância e Resistência da Cultura, Religião, Cidadania e Dignidade da População Afro-Brasileira, na Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro. EM 2001, foi agraciada com a Medalha de Mérito Cívico Afro-brasileiro, homenagem esta prestada pela Universidade da Cidadania Zumbi dos Palmares de São Paulo. Representante do Candomblé, onde em seu terreiro conserva a memória africana e preserva também a cultura negra. Não há distinção de cor, de raça ou orientação sexual, aqui a palavra final é da mulher, pois esta é fundamental para tomar decisões e zelar pela harmonia dos cultos.

3.3.2 MÃE STELLA DE OXÓSSI

Nascida em 2 de maio do ano de 1925, em Salvador, Maria Stella de Azevedo Santos, foi a quarta filha de Esmeraldo Antigno dos Santos e Thomázia de Azevedo Santos. Aos 1 anos de idade foi levada para o terreiro por uma tia e um ano após foi inserida no candomblé, durante sua juventude esteve e formou-se em enfermagem, mas ao completar 51 anos de idade foi escolhida pelos orixás para tornar-se a nova líder do terreiro de São Gonçalo do Retiro. Anos mais tarde, Mãe Stella consegue algo inédito, até então não vivenciado por muitos, o Tombamento do Terreiro pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), após conseguir tal feito, no ano de 2005 recebeu o título de doutor honoris causa pela Universidade Federal da Bahia (Ufba) e em 2009 novamente o recebe, mas desta vez pela Universidade do Estado da Bahia.

Seu reconhecimento de ato ocorreu em 2013, quando Mãe Stella, eleita por unanimidade para a Academia de Letras da Bahia, ocupando a cadeira de número 33, cadeira esta que tinha pertencido ao patrono Castro Alves. Mulher de personalidade forte, Mãe Stella era contra ao sincretismo religioso,

movimento que trouxe consigo a fusão de mais de uma religião, e que graças a este os negros puderam cultuar seus orixás sem sofrer perseguição por parte da igreja católica. Movimento surgido com a chegada dos portugueses ao Brasil e que intensificou-se com a chegada dos escravos africanos advindos para cá de forma forçada. Para Mãe Stella, o candomblé é candomblé, catolicismo é catolicismo, desta forma nunca concordou com a fusão do sincretismo. Sempre preocupada em manter a cultura negra viva, Stella de Oxóssi, realizava palestras e participava de conferências, no ano 2014 criou a biblioteca itinerante adaptando um ônibus para levar a qualquer lugar que abordam curiosidades sobre todas as religiões.

Mulher negra e lésbica, Mãe Stella pregava mútuo respeito bem como uma convivência pacífica entre todas as religiões, cada uma com sua crença específica. Mãe Stella de Oxóssi sempre dizia que: as pessoas devem aproximar-se pela fé, respeitando umas às outras dentro de suas particularidades, mais do que sacerdotisa, tornou-se a mulher mais importante quando tema era terreiro no candomblé do país, ao mesmo tempo foi uma militante do resgate cultural de um povo, nesse caso, o povo negro.

CONCLUSÕES

O propósito deste trabalho foi mostrar que mesmo com todo o avanço que houve durante todo o transcorrer da história, a população negra continua massacrada e que ainda necessita de um lugar de voz, uma vez que mesmo havendo seus direitos preservados e garantidos, como o direito de voto e ser votada, há ainda a necessidade não apenas do lugar de voz mas tamb. Lugar este que ainda permanece quase que intacto, pois ainda encontramos obstáculos para ter voz e vez. Não há como dizer que o povo negro, em especial a mulher negra, tema principal deste trabalho, alcançou a tão sonhada liberdade, uma vez que garantiu seus direitos e ainda continua lutando por espaços. Liberdade esta que teve início em 1888, ano em que disseram que estaríamos livres, mas não nos disseram que tipo de liberdade seria esta, pois fomos jogados (as) ao ar livre tendo que cada um sobreviver como bem desse e bem entendesse.

O Brasil foi o último país do Ocidente que veio abolir a escravidão do seu povo negro, mas em contrapartida esse mesmo povo ficou à mercê da sorte, pois não sabiam que rumo tomarem de suas vidas. Mulheres com filhos de colo, não sabiam o que fazer e nem para onde ir, o mesmo aconteceu com os idosos e deficientes, deficiência esta decorrente de maus tratos, torturas e perversidade do “homem branco”. O que esperar de um país que “libertou” o povo negro e ao mesmo tempo o matou, pois não ofereceu aparato algum para que pudessem sobreviver com dignidade. Pobre povo, sem ter para onde ir correram para os morros e daí surgiram as tão famosas favelas da atualidade onde o Estado de Direito permitiu que os estados paralelos tomassem força e hoje não têm mais controle sobre este.

Nesse meio de medir força, ficou o povo negro que sofre constantemente todo tipo de abuso, inclusive a discriminação racial. Como se não bastasse tudo o que viveram seus antepassados hoje sentem na pele o que é ser negro, em um país onde somamos mais de 50% da população, mas que, mesmo sendo maioria ainda permanecemos no limbo. Como mudar essa triste realidade? Não como falar que a política pública irá melhorar tudo. Isso é

pura enganação. O Estado deve iniciar sua reforma populacional, a começar pela base, é nesta que está o povo esquecido desde 1888, se não começar daqui, não haverá um futuro prospero. Futuro este, sem nenhum tipo de discriminação, seja está em decorrência da cor, da religião, raça ou orientação sexual. Não estamos tratando com animal irracional, estamos tratando de seres humanos, pessoas com sentimento, sujeitos que sempre buscaram um amparo por parte do Estado Democrático de Direto, mas sempre lhe foi negado, inclusive o direito a ter uma saúde digna.

Não há como falar em melhorias, se a mulher negra é massacrada dentro de uma sala de parto. Como pode o Estado dizer que dá vez e voz a esta população marginalizada, se os presídios estão repletos de negros e negras. Como dizer para essa mulher negra que tudo vai da certo se nem ao menos o direito a um parto digno ela têm, se o próprio Estado não é capaz de oferecer um atendimento humano para as vítimas de violência doméstica que vivem nos morros, favelas ou nas chamadas invasões do patrimônio privado, nestes setores o Estado não chega e quando chega com ele traz a discriminação. Dentre esta pode-se citar quando a vítima de violência ou estupro precise ir até uma delegacia. Não maioria não vão, pois não se sentem à vontade para expor o que lhe aconteceu. Isso é muito grave, pois demonstra que o Estado continua aquele de cinquenta anos atrás – quem era pobre continua pobre, o rico cada vez mais rico e o corrupto cada vez mais corrupto. A mulher negra saiu da senzala e na atualidade está na casa grande, trabalhando como doméstica, que na maioria das vezes não têm seus direitos reconhecidos na carteira de trabalho.

Diante de tudo o que foi discutido ao longo desses três capítulos conclui-se que de fato não há muito o que a população negra, em especial a mulher, comemorar. Enquanto as mudanças não surgirem da base, nada mudará e futuro quiçá será tão incerto quanto aquele de 1888, diante de tudo o que está acontecido com a sociedade atual.

REFERÊNCIAS

Uma história do feminismo no Brasil. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003. Acesso em: 30 maio.2019.

ÂNGELA, Davis. **Mulheres, raça e classe**. Trad. de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019.

APOLINÁRIO, Fábio. **Dicionário de Metodologia Científica**. 2 edileuza. São Paulo. Atlas 2011.

CANCIAN, Renato. Especial para a página 3 Pedagogia & Comunicação é cientista social, mestre em sociologia política e doutorando em ciências sociais. É autor do livro Comissão Justiça e Paz de São Paulo: Gênese e Atuação Política – 1972-1986. In educação.uol.com.br. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/sociologia/feminismo-movimento-surgiu-na-revolucao-francesa.htm> Acesso em: 30 maio.2019.

COELHO, Andreza Maria Sá; GOMES, Sansarah da Silva. **O movimento feminista negro e suas particularidades na sociedade brasileira**. Acesso em PDF, Disponível em: <http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2015/pdfs/eixo6/o-movimento-feminista-> HYPERLINK "http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2015/pdfs/eixo6/o-movimento-feminista-negro-e-suas-particularidades-na-sociedade-brasi" HYPERLINK "http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2015/pdfs/eixo6/o-movimento-feminista-negro-e-suas-particularidades-na-sociedade-brasi" HYPERLINK "http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2015/pdfs/eixo6/o-movimento-feminista-negro-e-suas-particularidades-na-sociedade-brasi" negro-e-suas-particularidades-na-sociedade-brasileira.pdf Acesso em: 30 maio.2019.

COSTA, Haroldo. **Fala, crioulo**. 1ª edição. Editora Record, 1982.

DOMINGUES, Naíse. Precisamos falar sobre a saúde emocional das mulheres que sofrem violência. 2019. In O Globo. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/celina/precisamos-falar-sobre-saude-emocional-das-mulheres-que-sofrem-violencia-23568413> HYPERLINK "https://oglobo.globo.com/celina/precisamos-falar-sobre-saude-emocional-das-mulheres-que-sofrem-violencia-23568413" HYPERLINK "https://oglobo.globo.com/celina/precisamos-falar-sobre-saude-emocional-das-mulheres-que-sofrem-violencia-23568413" HYPERLINK "https://oglobo.globo.com/celina/precisamos-falar-sobre-

[saude-emocional-das-mulheres-que-sofrem-violencia-23568413](https://oglobo.globo.com/celina/precisamos-falar-sobre-saude-emocional-das-mulheres-que-sofrem-violencia-23568413)"emocional-das- **HYPERLINK**
["https://oglobo.globo.com/celina/precisamos-falar-sobre-saude-emocional-das-mulheres-que-sofrem-violencia-23568413"](https://oglobo.globo.com/celina/precisamos-falar-sobre-saude-emocional-das-mulheres-que-sofrem-violencia-23568413) **HYPERLINK**
["https://oglobo.globo.com/celina/precisamos-falar-sobre-saude-emocional-das-mulheres-que-sofrem-violencia-23568413"](https://oglobo.globo.com/celina/precisamos-falar-sobre-saude-emocional-das-mulheres-que-sofrem-violencia-23568413) **HYPERLINK**
["https://oglobo.globo.com/celina/precisamos-falar-sobre-saude-emocional-das-mulheres-que-sofrem-violencia-23568413"](https://oglobo.globo.com/celina/precisamos-falar-sobre-saude-emocional-das-mulheres-que-sofrem-violencia-23568413)mulheres-que-sofrem-violencia-23568413 . Acesso em: 04 de agosto.2019.

FACHIN, Odília. **Fundamentos de metodologia**. 5ª ed. São Paulo: Editora Saraiva, 2005.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5ª ed. São Paulo: Editora Atlas S.A, 2010.

GOMES, N. L. **Mulheres Negras em Movimento**: fazendo a diferença entre diferentes. Congresso Português de Sociologia VI. Lisboa, 25 a 28 de junho de 2008.

GONÇALVES, Juliana; DEZAN, Thiago. **Em pleno século XXI, quilombolas ainda têm que lutar por direitos básicos**. 2017. Disponível em: <https://theintercept.com/2017/05/12/em-pleno-seculo-xxi-quilombolas-ainda-tem-que-lutar-por-direitos-basicos/>. Acesso em: 30 maio.2019.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. In: Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro, N.º.92/93(jan./jun.). 1988b, p.69-82.

GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4584956/mod_resource/content/1/06%20-%20GONZALES%2C%20L%20C%20A9lia%20-%20Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira%20%281%29.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4584956/mod_resource/content/1/06%20-%20GONZALES%2C%20L%20C%20A9lia%20-%20Racismo%20e%20Sexismo%20na%20Cultura%20Brasileira%20%281%29.pdf). Acesso em: 29 junho. 2019.

GUIMARÃES, Juca; MOREIRA, Jéssica. **Consciência negra: Sobre Malês, Quilombos e Terreiros**. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2018/11/20/consciencia-negra-sobre-males-quilombos-e-terreiros/>. Acesso em: 03 de novembro. 2019.

http://comissaodaverdade.al.sp.gov.br/relatorio/tomo-i/downloads/I_Tomo_Parte_2_Perseguiçao-a-populacao-e-ao-movimento-negros.pdf. Acesso em: 03 de novembro. 2019.

<https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2018/12/29/mae-stella-sera-enterrada-neste-sabado-em-salvador-cortejo-funebre-sai-de-terreiro-fundado-pela-ialorixa.ghtml> /. Acesso em: 03 de novembro. 2019.

JUDITH, Butler. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Grupo Editorial Record, 1990.

KILOMBA, Grada. "The Mask" In: Plantation Memories: Episodes of Everyday Racism. Munster: Unrast Verlag. 2ª edição, 2010.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia científica**. 5ª ed. São Paulo: Atlas S.A, 2003.

LE MOS, Camila. **O movimento feminista e suas vertentes**. 2016. Disponível em: <https://medium.com/@kamyllalemos/o-movimento-feminista-e-suas-vertentes-3492875e162a> . Acesso em: 30 maio.2019.

Meios eletrônicos

MIRIAN, Goldenberg. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. 8ª ed. São Paulo. Editora Record, 2004.

M. BOTELLO, Denise. Educação e Candomblé: **Contribuições para a discussão de raça e gênero**. 2014. Disponível em: <http://www.ufpb.br/evento/index.php/18redor/18redor/paper/viewFile/2312/858>

PARKINSON, Justin. Sarah Baartman: a chocante história da africana que virou atração de circo. 2016. In geledés. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/sarah-baartman-> **HYPERLINK**
["https://www.geledes.org.br/sarah-baartman-a-chocante-historia-da-africana-que-virou-atracao-de-circo/"](https://www.geledes.org.br/sarah-baartman-a-chocante-historia-da-africana-que-virou-atracao-de-circo/) **HYPERLINK**
["https://www.geledes.org.br/sarah-baartman-a-chocante-historia-da-africana-que-virou-atracao-de-circo/"](https://www.geledes.org.br/sarah-baartman-a-chocante-historia-da-africana-que-virou-atracao-de-circo/) **HYPERLINK**
["https://www.geledes.org.br/sarah-baartman-a-chocante-historia-da-africana-que-virou-atracao-de-circo/"](https://www.geledes.org.br/sarah-baartman-a-chocante-historia-da-africana-que-virou-atracao-de-circo/) **HYPERLINK**
Acesso em: 29 junho. 2019.

PINTO, Céli Regina Jardim. Feminismo, história e poder. 2010. In Scielo.br. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-44782010000200003&script=sci_abstract&lng=pt . Acesso em: 29 junho. 2019.

RIBEIRO XAVIER, Júlio. **Religiões de matriz africana e o racismo**. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/religoes-de-matriz-africana-e-o-racismo-no-brasil/>. Acesso em: 03 de novembro. 2019

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de Fala**: ed. 3ª. São Paulo: Editora Pólen, 2019

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro**: ed. 7ª reimpressão. São Paulo: Editora Companhia das letras, 2019.

RODRIGUES, Cristiano. **Atualidade do conceito de interseccionalidade para a pesquisa se prática feminista no Brasil**. Seminário Internacional Fazendo Gênero 10(Anais Eletrônicos). 2013. Disponível em: <https://poligen.polignu.org/sites/poligen.polignu.org/files/feminismo%20negro2.pdf> . Acesso em: 16 setembro. 2019

SOARES, Marcos Antônio. O movimento LGBT. 2018. In movimento revista. Disponível em: <https://movimentorevista.com.br/2018/09/o-movimento-lgbt/> **Acesso em: 29 junho.**

VENTURINE, Anna Carolina; VILLELA, Renata Rocha. A instituição de cotas

para mulheres e a questão do empoderamento feminino. 2015. In site Migalhas. Disponível em: <https://www.migalhas.com.br/dePeso/16,MI217936,101048-A+instituicao+de+cotas+para+mulheres+e+a+questao+do+empoderamento>. Acesso em: 29 junho.2019.

VIEIRA, Kauê. **Mãe Beata de Iemanjá e a força da representatividade feminina.** Disponível em: <http://www.afreaka.com.br/notas/mae-beata-de-yemonja-e-forca-da-representatividade-feminina>. Acesso em: 03 de novembro. 2019.